



Ana Bento 2020

Ana Sofia Carlos Bento

Dois refugiados, duas histórias de vida

trans(formações) identitárias

Dissertação de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação do Professor Doutor Cristóvão Margarido

Setembro de 2023



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

**Dois refugiados, duas histórias de vida
trans(formações) identitárias**

Dissertação de Mestrado

Ana Sofia Carlos Bento

Trabalho realizado sob a orientação de

Cristóvão Margarido, Doutor

Setúbal, setembro 2023

Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação só foi possível com a graça de Deus e a ajuda do Zé, aquele que acreditou em mim, mesmo quando eu já não acreditava. Sem ti não tinha entregue este trabalho, és a minha mão direita e esquerda, muito obrigada.

Agradeço à Eugénia e ao Sacha por estarem tão disponíveis, ficaram no meu coração.

Obrigada a todos os professores do mestrado que me apaixonaram em cada aula.

Ao professor Cristóvão Margarido, o meu orientador, por todos os conselhos e apoio que me deu.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao
Zé, à Ju, ao avô Artur e a
todos os refugiados

RESUMO

Este trabalho nasceu da vontade de saber como o incidente crítico (Josso, 2010) chamado guerra, obriga à reinvenção de pessoas que são retiradas à força das suas casas e das suas terras, onde já estavam enraizadas há tantos anos. Através de duas histórias de vida bastante distintas, contadas através de entrevistas, em forma de conversas informais (Burgess, 2001), foi possível chegar ao olhar de dois refugiados acerca de si mesmos, da sua vida antes, durante e depois das guerras pelas quais passaram. Consegui saber de que forma a guerra alterou o percurso de vida dos meus sujeitos de estudo e todos os outros sujeitos que vão aparecendo no decorrer das histórias. As trans(formações) de pensamento, de identidade, de pertença, são apresentadas de forma mais profunda, mas também todas aquelas identidades assassinas (Maalouf, 1999) que os obrigaram a negar a sua própria vontade e as pessoas críticas positivas que apareceram como mediadores para uma nova realidade, uma nova vida e até novas vontades. Falar em refugiados está na ordem do dia, muito por conta da atual guerra da Ucrânia, que eu mesma aproveitei para a minha investigação, mas falar com refugiados é dar voz aos próprios intervenientes ou vítimas diretas das guerras. Importa referir que a diferença entre ser jornalista, a profissão do relato, até por vezes sensacionalista, e um mediador intercultural, que tem a capacidade de intervir no social, tem nas suas mãos o poder de transformar uma entrevista numa simbiose de conhecimento, de pôr o outro a pensar e a nós mesmos exatamente nesta mesma equipa a que chamamos “humanos”. Através deste trabalho foi possível entender, com recurso às vozes dos entrevistados as transformações que a guerra provocou nas suas vidas e de que forma a mediação intercultural foi importante nesse processo.

Palavras chave: Identidade(s), Guerra; Incidentes críticos, Intervenção Social, Mediação

ABSTRACT

This work was born from the willingness to know how the critical incident (Josso,2010), named war, forces the reinvention of people who are forcibly removed from their homes and lands, where they had been rooted for so many years. Through two very different life stories, told in the form of interviews, in an informal conversation (Burgess,2001), it was possible to gain insight from two refugees about themselves, their lives before, during and after the wars they went through. I was able to find out how the war altered the life trajectory of my study subjects and all the other subjects who appear throughout the stories. The trans(formation)s of thought, identity, belonging, are presented in a deeper way, but also the identity of the assassins (Amin Maalouf, 1999) which forced them to deny their own will and the positive critical people who appeared as mediators of a new reality, a new life and even new desires. (Kelchtermans, 1995: 8)”. Talking about refugees is a present affair, largely due to the current Ukraine war, which I took advantage of in my research, but speaking to refugees is to give a voice to those involved or closely affected victims of wars. Perhaps, I may say that this is the difference between a journalist, the reporting profession, and sometimes even sensationalist, and a cultural mediator, who has the capacity to intervene in society, who has in his/her hand the power to transform an interview in a knowledge symbiosis, to cause the other to think, and to cause ourselves to be put exactly on the same team which we call ‘humans’. Through this work it was possible to understand, through the voices of the interviewees, the transformations that the war caused in their lives and how intercultural mediation was important in this process.

Key words: Identity, War, Critical Incidents, Social Intervention, Mediation

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	3
Dedicatória	4
Resumo.....	5
Abstract	6
Introdução	8
1 CAPÍTULO 1	14
1.1 Uma questão de identidades	15
1.2 Os refugiados e a mediação intercultural	17
1.3 Uma representação física da identidade	22
2 CAPÍTULO 2	29
2.1 Uma análise qualitativa	30
2.2 Acerca da problemática da investigação	34
3 CAPÍTULO 3	37
3.1 Introdução ao capítulo	38
3.2 História de vida da Eugénia.....	39
3.2.1 Antes da guerra:	39
3.2.2 Durante a guerra.....	45
3.2.3 Depois da guerra	47
3.3 História de vida de Sacha	49
3.3.1 Antes da guerra	49
3.3.2 Durante as guerras.....	54
3.3.3 Depois da guerra	59
4 Conclusões	62
5 Bibliografia	65
6 Apêndices.....	70

INTRODUÇÃO

É mesmo difícil começar a escrever, nem vale a pena dizer o contrário, nem pensar que vamos copiar um começo qualquer já lido trezentas vezes, ou procurar um início em trezentas leituras. Alguém fez uma analogia sobre começar a escrever e as dores de parto, não sei se é verdade, mas parece-me perfeitamente representável, aquele momento em que a mãe está ali cheia de dores, por vezes mais de vinte horas seguidas, para sair de dentro de si um novo ser humano. Assim é quando temos algo novo dentro de nós para apresentar ao mundo e queremos que seja perfeitinho, com todos os dedos das mãos e dos pés de um bebé acabado de nascer.

Este algo novo é a causa do sofrimento, porque sempre que pensei nesta dissertação, pensei como uma oportunidade única de dar voz a uma minoria desfavorecida, neste caso concreto, refugiados. Quando escrevemos em nome de alguém a responsabilidade duplica, já que escrever por si só, é um passo gigante para umas pernas tão pequenas como as minhas, sinto-me uma aprendiz para sempre e para sempre o vou sentir, e se deixar de ser assim não vale a pena tentar transmitir o que quer que seja.

Recordo-me em toda a minha vida escolar que o importante era responder às perguntas que eram feitas, remeter-me ao texto, não me desviar da informação que lá estava, talvez daí a ansiedade me assale neste momento, este momento em que não me vou remeter ao texto mas sim buscar, refletir, mergulhar dentro de mim e do que me contaram, e seleccionar tudo o que vos quero dizer sobre o assunto que eu mesma escolhi. Que grande responsabilidade!

O tema do meu trabalho pretende dar conta do problema da identidade e múltiplas pertenças de dois refugiados de guerra, um numa guerra interna com contornos menos evidentes, mediaticamente falando, e outro que está na ordem do dia, talvez por estar geograficamente mais perto e nos afetar direta e diariamente.

Para a realização deste trabalho foram realizadas entrevistas a uma refugiada de Cabo Delgado e um refugiado Ucrâniano, sem qualquer intenção de fazer nenhuma análise comparativa nem resolver qualquer problema social. Quero sim entender como é que em meio deste incidente crítico (Josso,2010), chamado guerra, estes sujeitos conseguem voltar a encontrar-se e a reinventar-se. Quem foram as pessoas críticas

positivas ou negativas¹ que os influenciaram e têm influenciado neste processo e que alternativas nos propomos para melhor enquadrarem e se sentirem pertenceres a algum espaço físico, social, cultural e profissional numa margem para eles totalmente desconhecida.

A investigação acerca do problema da identidade e múltiplas pertenças remonta alguns séculos a.c, em especial com os “sábios” que guardavam todos os seus dias para se juntarem e ouvirem o mais erudito de todos os homens. Falo como se fosse um deus que veio à terra com todos os conhecimentos, com a missão de debitá-los aos seus discípulos, para que vivessem segundo uma ontologia perfeita. Estes homens, como por exemplo Sócrates, viviam à margem da sociedade para não serem contaminados pelo mundo, e isolavam-se quase que “mosteiramente” falando, numa perfeição idealista só reservada a alguns. Esta trabalho, que agora se apresenta sob a forma de dissertação, vai transbordar de tantos eu’s como perspectivas, e vai provar que a forma como cada um se vê a si e ao outro pode ter consequências inesperadas. Afinal, Maalouf diz-nos que “somos todos obrigados a viver num universo que não se parece nada com o nosso território de origem; temos todos de aprender novas línguas, outras linguagens, outros códigos; e temos todos a sensação que a nossa identidade tal como a imaginamos desde a infância, se encontra ameaçada.” (Maalouf,1999, p.49), desconstruindo esse conhecimento reservado só a alguns. Nós, os investigadores das ciências humanas ainda somos vistos, algumas vezes, como “inferiores” aos “verdadeiros” cientistas das ciências exatas como a física, química e biologia, e não há muita literatura sobre esta díade que tantas vezes nos perturba pelos estereótipos criados acerca do que é mais ou menos importante, do que vale ou não vale a pena estudar. Comecei, propositadamente com referências a.c. com toda a intenção e astúcia, para começar a primeira página desde já a desconstruir os tempos onde muitos de nós ainda vivemos, e que preferimos tantas vezes não sair dos nossos mosteiros para não nos contaminarmos. Como esta obra pretende chegar ao alcance de todos, e deixar-nos a pensar, ficam já algumas questões. Será mais importante estudar como prevenir o cancro, ou o suicídio? Será que só precisamos dum corpo são para sermos saudáveis? Afinal somos um todo ou andamos por aí divididos em partes? Segundo Boaventura de Sousa Santos (1999) o todo não é nada mais nada menos que igual a cada uma das partes. Mas já lá vamos.

¹ O conceito de “pessoas críticas” é inspirado no termo “incidentes críticos” (Sikes, Measor & Woods, 1985) e, correspondem a modelos a seguir ou a rejeitar pelos entrevistados.

Considero a investigação a pedra de toque para a resolução de problemas sociais, neste caso a investigação antropológica, sociológica e filosófica, uma vez que se não nos permitirmos saber, se não formos eternos aprendizes, não pudemos munir de ferramentas os que são postos à margem por falta de conhecimento. Falta de conhecimento nosso, da cultura recetora e deles, da cultura de origem. A investigação já começou, ou seja, já alguém aprendeu e apreendeu antes de nós, mas ainda não terminou e nunca vai terminar. Quando isso acontecer é porque deixámos de ser humanos. Concordo a cem por cento com José Marques quando diz que “a investigação não é um fim em si, ou não tem sentido se servir apenas para satisfazer o interesse de um reduzido número de investigadores que se dedicam precisamente a descobrir e desenvolver conhecimento, mas que enclausuram esse conhecimento dentro de um ciclo reduzido de investigadores, não permitindo que se difunda. A investigação só tem verdadeiramente utilidade social se for partilhada com a sociedade, se alguma coisa daquilo que se fizer resultar em benefício para a sociedade...” (Marques, 2020, p.15)

Com introspeção, reflexão e auto- conhecimento dos nossos limites pudemos criar pontes entre nós e os outros, mas temos de querer conhecer-nos e plantar nos outros o desejo de se conhecerem. Não será a investigação um modo de mediação fundamental?

Escolhi o tema da identidade com foco nos refugiados, acredito que nos movemos de paixões e a paixão pelas pessoas é realmente uma característica indissociável de mim mesma. Perguntei-me se ia abordar esta questão do eu e do outro dum ponto de vista filosófico, sociológico, antropológico ou até mesmo biológico. Cheguei à conclusão que ao nível das ciências sociais e humanas o ponto de vista, neste caso, não era o mais importante, não ia mudar nada eu identificar o “tipo” de estudo, sendo que o filosófico até me dava bastante jeito, já que é a minha formação de base e admiro bastante. Até a base, os alicerces de uma casa são o mais importante para esta ser firme e segura, e uma coisa é certa não vou escrever nada porque me sinto mais segura nesta ou naquela área do saber, até porque sempre vivi um pouco na corda bamba, não faria sentido nenhum escrever sobre cimento.

O medo do que os outros vão pensar ou dizer faz parte da vida, e muitas vezes limitamos a resumir, acrescentando muito pouco ao que já se sabe, mas também não vou

ultrapassar muitos limites, talvez ficar ali dentro de alguma margem entre o conhecido e o desconhecido, sendo que acerca deste último vou deixar para aprofundar muito mais, a algum eu depois de mim, em outro momento e possivelmente espaço.

As minhas motivações têm origem na minha história de vida, em especial da necessidade de estar “in loco”, a ver, a sentir, a conhecer e a relacionar-me com outros eus tão diferentes de mim, que por vezes parecem tão distantes e só possíveis de alcançar sentados no sofá da nossa casa a olhar para uma televisão. Num breve resumo, pois a minha história não é tão importante como as que nos esperam neste trabalho, importa dizer que é possível sim, ir a sítios por muitos chamados “perigosos”. Seja por questões de violência, de doenças ou mesmo catástrofes naturais e desde que a inconformidade do que se passa no mundo nos afete de tal maneira, que mesmo sabendo não conseguir mudá-lo, pudemos conhecer e dar-nos a conhecer nem que seja através de um abraço que diga, estou aqui, sei o que se passa, não posso fazer muito mas não sou indiferente. Maalouf diz-nos tanto acerca deste tema até quando fala sobre respeito, “Respeitar alguém, respeitar a sua história, é considerar que esse alguém pertence à mesma humanidade, e não a uma humanidade diferente, uma humanidade de saldos.” (Maalouf, 1999, p.120), e as pessoas gostam mesmo de falar, têm necessidade de ser ouvidas. Tenho noção de que o meu eu transformou-se tantas ou mais vezes do que as viagens que fiz, não foram muitas, mas também aviso desde já que quando se começa torna-se um vício.

Por conta própria, e sem muitas contas, em 2011 fui à Guiné-Bissau, não me contentei com as histórias que alguns amigos guineenses (em Portugal) me contaram, e passei lá dois meses. Não contente com o feito, em 2012 ainda voltei mais dois meses, desta vez já com muitos amigos e conhecidos que lá havia deixado. Trouxe na bagagem muito mais histórias do que as que lá deixei, acredito que fui muito mais transformada do que eles. Em 2013, mas desta vez já casada, fomos para a Venezuela, o meu marido em trabalho e eu em mais uma missão, conhecer, compartilhar, dar aulas voluntárias de português num orfanato, como aliás também já tinha feito num orfanato da Guiné-Bissau. Há sempre alguma coisa para fazer, é só procurar como se daí dependesse a nossa própria sobrevivência. Em 2017 parei um pouco pois já trazia a minha filha da Venezuela, ainda que dentro de mim. Foi em 2018 que aceitámos mais um trabalho, desta vez em Moçambique, aceitámos não, procurámos, pois eu precisava mesmo de conhecer aquele povo, com a grande esperança de estar num campo de refugiados.

Desta vez com uma filha de onze meses, que fiz questão de levar cedo nestas andanças, na esperança de passar o legado e continuá-lo quando eu já não tiver mais forças. Claro a Joana (minha filha) ficou com o pai na cidade onde vivíamos, e eu fui cumprir um sonho junto com a Susana, mulher de fé, Moçambicana que conheci e partilhou do mesmo sonho que eu, e tantas vezes me corrigiu no meio de tantos costumes diferentes para mim. Naquela cultura eu era uma total leiga e ainda o sou, mas um pouco menos. Por exemplo, já sei que recusar uma refeição por não ter fome é uma grande falta de educação e que é melhor comer um pouco do que devolver um prato cheio, foi das minhas primeiras aprendizagens, mesmo que dito por entre dentes para só eu escutar.

Este interesse pessoal por refugiados, nasceu dos noticiários e vem da minha experiência, aquando dessa viagem de intervenção social a Nampula, com refugiados fugidos da guerra de Cabo Delgado, em Moçambique. Esta viagem levou a uma preocupação crescente com todos os refugiados, e especialmente com a aparente apatia de quem perdeu tudo, e parece que também perdeu o poder sobre a sua própria vida e a sua condição de pertença, em nome da guerra.

O interesse pela identidade nasceu muito mais cedo, e entre 2000 e 2005 acentuou-se por entre as salas da universidade Nova de Lisboa quando os professores de filosofia nos apaixonavam com as suas histórias. Juntar a identidade com os refugiados foi possível quando conheci a mediação intercultural, no Instituto Politécnico de Leiria, afinal descobri que é possível investigar, aprofundar e ainda intervir na sociedade, em especial nas minorias desfavorecidas, através desta ferramenta.

Citando Torremorell, o que acabei de afirmar vai ficar muito mais compreensível, “Deixar de considerar a mediação como uma alternativa é, com toda a segurança, questão de tempo. O momento atual distingue-se pela pluralidade, ou seja, pela coexistência de identidades diferentes onde o domínio e/ou a exclusão de algumas realidades em relação a outras marcam apenas limites hierárquicos e contextos de poder. Numa sociedade aberta a melhor forma de controlo é o autocontrolo; deste modo, marginalizar uma instância de autodeterminação que se gere a si própria é tão redutor quanto regressivo“ (Torremorell, 2008, p.80), sublinhando que coexistir não é conviver, é suportarmo-nos.

A identidade é complexa, é mutável, é discriminatória, é egoísta, é tudo o que nos dá jeito neste momento e tudo o que nos afasta dos outros em outro momento. Vieira fala dessa complexidade quando frisa que “... o todo não é uma mera soma de partes como muito bem frisou Durkheim. O todo – e a identidade é um todo complexo – não pode ser inferido a partir das qualidades das partes. Por isso não há determinismo no comportamento humano, semelhantes trajetórias e similares modelos de influência podem produzir até diferentes identidades.” (Vieira, 2011, p.40). O ser é de tal forma camaleónico que é capaz de fazer de conta que é, em momentos que convém ser e anular-se totalmente em situações de perigo de vida ou morte. O eu pode até não ver porque é cego, pode não ouvir porque é surdo, pode não se mexer por alguma ou total debilidade física, mas há algo que o eu é, é o que é em determinado tempo, em determinado espaço, é mais ou menos alguma coisa e tem referenciais mais fortes e mais fracos. Há uma expressão usada por muitas pessoas que por sinal não gosto nada que é “eu não te admito”, esta afirmação é tão estática, tão obsoleta que está a negar-se a si mesmo como pessoa ao negar o outro. Naquele momento aquela pessoa pode não admitir, mas amanhã aquela mesma pessoa já pode admitir, porque nós somos seres flexíveis, e foi essa flexibilidade que nos deu hoje a liberdade de falar de uns e de outros e estudar-nos em todo o sentido que a palavra pode auferir.

Quanto à estrutura da dissertação, esta encontra-se dividida em três grandes partes ou capítulos. O primeiro capítulo, corresponde ao enquadramento teórico da investigação, também habitualmente denominado fundamentação teórica. Contém a abordagem teórica que nos permite compreender a problemática do estudo, e alude a temas como os processos e representações identitárias e refugiados e mediação intercultural.

Já o segundo capítulo refere-se à metodologia utilizada no âmbito deste estudo, em que foram utilizadas entrevistas informais como conversas. Esta investigação assenta numa metodologia biográfica, de carácter qualitativo, com recurso a entrevistas que Burgess (2001) caracteriza como conversas.

Por último, o terceiro capítulo é destinado unicamente à análise e discussão das histórias de vida dos sujeitos em estudo e trata das análises realizadas e das conclusões obtidas a partir das entrevistas.

CAPÍTULO 1
Enquadramento teórico

1.1 – Uma Questão de Identidades

O Fédon, para quem não conhece é uma obra escrita por Platão em forma de diálogo acerca dos últimos dias de Sócrates antes de morrer, faz lembrar um pouco a última ceia de Jesus com os discípulos antes da crucificação, discutem-se vários temas que lidos superficialmente e para os mais espirituais são apenas místicos, mas já aqui se bebia e embebia de antropologia e não era só nas entrelinhas.

Já em Platão se falava do ponto de vista antropológico, para este autor o homem é “um ser dualista, constituído pelo corpo (parte visível) e pela alma (parte invisível). Não há, portanto, unidade no homem uma vez que este tanto é capaz de sensação (pelo corpo) ele comunica com o sensível, com o efémero), como de conhecimento (pela alma pode comunicar com o inteligível) ... assinale-se a preponderância da alma sobre o corpo, pois que, sendo “semelhante ao divino”, lhe compete comandar o corpo.” (Fédon, 1998, p.123)

Estes homens tão eruditos da altura, viviam encerrados em si mesmos, física e espiritualmente falando, mas já tinham curiosidade sobre as questões do ser e da identidade que até hoje nos prosseguem. Com motivações diferentes, mas a mesma curiosidade de saber sobre si mesmos, ainda que, a incapacidade dos limites próprios da época não os deixasse sair da “caverna”, isso nunca os impossibilitou de questionar e quando não havia resposta eles encontravam-na nem que fosse no inteligível. Será que nós com tanto conhecimento que temos agora precisamos estar nas mesmas cavernas e ser ainda mais limitados sem nos preocuparmos com o eu e o outro? Eles preocupavam-se naquele tempo e naquele espaço, disso estamos certos, o que nos leva a uma tese, nós somos seres de tempo e espaço e definitivamente não somos museus. Para mim falar de identidade é quase sinónimo de Vieira, “...falar de identidade pessoal implica pensar num projeto que se constrói para o futuro, mas que se concebe no presente. Contudo, um presente ancorado no passado. Passado, presente e futuro são assim uma tríade que junta a memória, o ontem, a rotina do hoje e a utopia do desejável para o amanhã.” (p. 39, 2011)

Vieira seria indubitavelmente uma “pedra no sapato” de Platão, mas para a época temos de concordar que não estava nada mal, aquela díade alma/corpo tão redutora, ajudou bastante a desmembrar alguma coisa dentro de nós, mas para um autor com a ousadia de dizer que 1 e 1 nunca são 2 mas 3, 4, 5 e até múltiplos, como Amin

Maalouf (1999) tanto defende, nas suas “Identidades Assassinas”, só mostra que a antropologia anda não um mas uns passos à frente nestas matérias. Mas a antropologia de antigamente também não é a de hoje, será que no final vamos conseguir tirar conclusões importantes para uma humanidade mais humanizante? Eu continuo a crer que sim, se não cresse limitar-me-ia a fechar-me num laboratório a tentar entender porque é que aquela pedra é redonda e não quadrada.

Atrevo-me a dizer que isto é muito mais complexo do que falar de corpo, alma e espírito, o ser “humano” não se divide, não se separa, o ser humano molda-se, é dinâmico e até camaleónico, o que usa como arma de defesa pessoal. Paul Ricouer mostra bem essa complexidade quando diz que “... que as minhas mãos, os meus pés, etc, são os meus órgãos, no sentido em que caminho com os meus pés, apreendo com as minhas mãos; mas, tudo isto decorre da vivência, e não posso deixar-me encerrar numa ontologia da alma, por assim dizer.” (Ricouer, 2001, p.23)

Vou usar um exemplo, se alguém nos pergunta quem é a rainha da Inglaterra, a nossa resposta quase automática é indicar o nome. Isso quer dizer que a rainha de Inglaterra é o que está no documento de identificação e nada mais do que isso? Ou a rainha da Inglaterra também não é mãe, também não foi grávida, também não é avó, também não teve partos, também não foi casada, também não tem uma comida favorita, também não fez coisas boas aos olhos de algumas pessoas e coisas piores aos olhos de outras?! E se pensarmos no ponto de vista da mesma, ainda temos mais coisas que a identificam introspectivamente, o que vai ao encontro da ideia de Margarido quando diz que a “... identidade para si, intrapessoal não é a mesma que a identidade para o exterior. Nem sempre o quem sou eu se identifica com a imagem que os outros têm de nós. (Margarido,2011, p.86)”, está exatamente a falar dessa introspeção. Também Vieira fala na nova maneira de ver a identidade, como múltiplas identidades quando nos diz através de Hall (1997) que, “A questão da identidade está sendo extensamente discutida...as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado” (Vieira, 2011, p.75)

1.2 - Os Refugiados e a Mediação Intercultural

As definições de imigrantes e refugiados diferem consoante o sujeito que as utiliza, derive das ciências sociais, definições legais ou até mesmo das autodefinições, depende de como os próprios imigrantes e refugiados se identificam.

Numa definição mais generalista, os imigrantes e refugiados são pessoas que nasceram num país e mudaram-se para outro. Em ciências sociais, estas pessoas têm a definição coletiva como a população nascida no estrangeiro, as pessoas que entram num país para ali se estabelecerem são chamados imigrantes. A distinção fundamental entre imigrantes e refugiados é que os imigrantes deixam os seus países voluntariamente (ainda que normalmente seja em busca de melhores condições de vida), enquanto os refugiados são forçados a sair dos seus países devido à violação de direitos humanos cometidos contra eles. Os refugiados também se referem entre si como exilados.

Segundo a convenção de Genebra de 1951, artigo 1º, o termo “refugiado “aplica-se a qualquer pessoa “... *receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação, em certo grupo social, ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de quem tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude de dito receio, não queira pedir a proteção daquele país*” (ACNUR 2007(1951).

Quando pensamos em refugiados pensamos neste grupo como os atores das migrações forçadas, mas coloca-se a questão será que só os refugiados são migrantes forçados? Depende da mente de quem está a refletir sobre o assunto. Será que migrar por falta de condições para a saúde não é uma razão válida para sair de um país forçosamente, pois se não procurar a saúde em outro local acaba por morrer? Ou porque no país de origem não existe trabalho e logo não há rendimentos e forçosamente não se podem comprar alimentos e morre-se de fome? Será que esta não é uma migração forçada?

Ana Isabel Escalona, em “El estudio de las migraciones de refugiados”, fala deste estreitamento que existe entre refugiado e migrante económico; “*En este sentido, por mucho que se insista en oponer el desplazamiento “forzoso” del refugiado al “voluntario” del “inmigrante económico”, como se há dado en llamar a quienes emigran en busca de trabajo, la distinción entre ambos tipos de migrantes es bastante*

problemática. Debido a las circunstancias que actualmente atraviesan los países de origen, especialmente los menos desarrollados, muy frecuentemente las motivaciones económicas y políticas se entremezclan y muchas salidas son provocadas por los efectos conjugados e inextricables de la violencia y de la necesidad económica.” (Escalona, 1995, p.63)

Também Geddes, dá o seu parecer sobre a migração forçada quando diz que “*Fatores políticos, como conflitos, e a quebra de sistemas de governança, também podem induzir pessoas a migrar, embora os conflitos também possam reduzir a capacidade de migração, ao tornar o processo menos seguro.*” (Geddes, 2013, p.47)

O tema das migrações forçadas pela guerra é tão vasto que seria impossível, neste espaço, falar de todos os pontos, divergentes e convergentes, sejam eles políticos, etimológicos, epistemológicos ou mesmo individuais.

A emergência do tema é tanto ou mais complexo, como a urgência de o resolver, pois tudo o que trata de minorias que são levadas contra vontade para sítios desconhecidos, como é o caso dos refugiados, leva-nos na contramão de refletirmos sobre pessoas como nós, que não somos nós, mas têm os mesmos direitos. É um esforço interior de sairmos de dentro da nossa cápsula ética, cultural e até da carga moral que incorporámos ao longo dos tempos, e que vamos continuar a preencher como sujeitos no gerúndio, que somos. Ana Vieira diz-nos mesmo, para tomarmos consciência da nossa incompletude como forma de gerir as diferenças “pondo em diálogo os diferentes...e se tornem mais plurais, aprendendo com todos os outros, tornando-se em consequência mais interculturais, ou no dizer de Saint Exupéry, “se tu diferes de mim, não me diminuis, enriqueces-me.”(Vieira, 2020, pp23)

Os meios de comunicação social tentam lembrar-nos, de quando em vez, através de imagens “impressionantes” e discursos partidários, dessas “vítimas”, que atravessam mares, saltam vedações, “arames farpados” e até hipotecam a própria vida para fugir duma guerra sem fim que se chama pobreza de espírito.

O caso português mostra mesmo como este assunto não tem nada de novo, “a visibilidade, relativamente recente, da imigração no país, não significa, porém, que esta era um fenómeno desconhecido da sociedade portuguesa até ao final do século XX...desde o século XVI o país recebeu populações de África, e de outros países

Europeus, quer como migrantes livres (comerciantes e trabalhadores) ou como migrantes forçados (escravos e refugiados).” (2020, p.17)

A problemática da migração forçada e deste sujeito coletivo tão frágil que conflui neste movimento, os refugiados ou migrantes forçados, que per si já mostra que uma coisa forçada, não é voluntária e, por ser um problema cada vez maior, talvez não tanto em dimensão matemática, mas sim em atos abusivos contra a alteridade, merece atenção de todos e para todos. Depois da análise de algumas estatísticas, de muitos documentários vistos e algumas leituras sobre o tema, surge como fundamental educar (inter)culturalmente, em especial todos aqueles que não têm oportunidade de ouvir e ver estas pessoas que lhes chamam por tudo e por nada de “vítimas”, mas que são seres humanos por direito e de direito. Não o fazemos com presunção de quem sabe mais, mas com a consciência da importância das investigações, da ética e da moral que se aplicam às mesmas, e que ao mesmo tempo que escrevemos também aprendemos e refletimos sobre o nosso modo de pensar que é o primeiro objetivo deste trabalho. Este é sem dúvida um trabalho social especializado, ou seja, é para ser visto por todos, aos olhos de todos e de todos os ângulos. Como comprova Potocky-Tripodi, Miriam, *“Social work practice with refugees and immigrants requires specialized knowledge of the unique issues of these populations. It also requires specialized adaptations and applications of mainstream services and interventions. (...) a perspective that entails examination of the multiple factors that affect immigrants and refugees at the micro, meso, and macro levels, and relevant practice approaches at each of those levels.* Acreditamos mesmo que através dum educação intercultural ficamos mais preparados para acolher e colher novas pessoas que se sentem muitas vezes num nível mais baixo na sociedade de acolhimento, do que da origem das guerras, perseguições, pobreza e fome de onde saíram como nos fala na introdução dum livro escrito a muitas mãos, *“A interculturalidade é considerada uma política assente na pedagogia social para promover a comunicação e a interação entre grupos culturalmente diversos.”* (Vieira et al., 2020, p.16)

Muitas vezes dizemos “eu penso por cabeça própria”, mas na verdade todos temos um quadro valorativo por trás, uma história, um background cultural e é uma ilusão pensar que um individuo existe sociologicamente sem o conceito sociocultural.

A modernidade ensinou-nos que a psicologia estuda o indivíduo, a antropologia as culturas, a sociologia a sociedade, mas nada disto é absolutamente certo porque um indivíduo não está despido de cultura, o indivíduo não nasce nu duplamente, sem roupa e sem roupagem intelectual, o indivíduo vai ser socializado, educado, culturalizado, vai vestir-se de valores e de conhecimentos com os quais ele vê o mundo. Ricardo Vieira faz uma distinção de relação acerca de cultura e identidade, que nos fala da importância de não confundirmos estes dois termos “Hoje há, essencialmente por parte do senso-comum, uma tendência para relacionar identidade e cultura, sendo as crises culturais muitas vezes denunciadas como crises de identidade. No entanto, não podemos confundir cultura com identidade, já que a cultura não implica a existência de uma consciência identitária, revelando, em grande parte, processos inconscientes, enquanto que a identidade, ao remeter para um sentido de pertença, assente em oposições simbólicas, é obrigatoriamente consciente.” (Vieira, 2011, p.71)

O estruturalismo é uma das primeiras correntes que aparece tanto na psicologia, na filosofia, na antropologia, etc, a pensar a sociedade, a pensar o que é a sociedade, a sociedade como uma estrutura, a sociedade como uma “selva”. O todo como a soma das partes, quando o todo é muito mais do que a soma das partes, as partes têm de estar devidamente interligadas, articuladas para que haja um sistema, para que o todo funcione.

O paradigma estruturalista hoje é criticado pois eliminou totalmente o sistema social, deixou de se pensar na ideia de indivíduo para pensar-se a ideia de estrutura.

Neste paradigma estruturalista não há espaço de agenciamento entre o indivíduo e a estrutura, admite-se que a estrutura determina completamente o indivíduo. O social impõe-se ao indivíduo.

Outras perspectivas como a do interacionismo simbólico, inscrevem-se no paradigma da ação que recusa o determinismo e a subordinação do indivíduo à estrutura social.

Portanto daqui surgem duas tensões, o estruturalismo que diz que a sociedade é uma estrutura que se impõe ao indivíduo e aprende a gostar dela sem contestar nada. E outras correntes como o interacionismo simbólico que admite o agenciamento, ou seja, o indivíduo não é totalmente livre, mas tem capacidade de iniciar processos de

mudança de estrutura. Nós não pudemos ver hoje a cultura do ponto de vista fossilizado, do ponto de vista da estrutural imutável. Como mediadores acreditamos numa educação cívica para a autonomia, não uma educação para domesticar ou uniformizar onde não há espaço para o agenciamento.

Quando se fala numa educação intercultural estamos a falar de justiça social, a busca pela igualdade o combate à discriminação. Esta educação foi pensada para minorias étnicas. O conceito de interculturalidade já *“implica noções de reciprocidade, e troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas, como nos diz Ricardo Vieira (2011)*

A hermenêutica de tentar entender o entendimento das pessoas não é estereotipar, tenho de vir a ser aceite, demora tempo, não é ser como jornalista, mas como turista, investigador de modo a que as pessoas não me vejam como um estranho ou um inspetor de polícia, a ideia é entrar nas categorias epistemológicas, no modo de pensar do outro que observei e que os outros ainda não compreenderam.

Numa intervenção social mediadora, temos de ser capazes não só de entender a hermenêutica do outro, no seu contexto, não fazer só a interpretação do outro, mas temos de ter a capacidade de estar dentro e estar fora que é interpretar o outro e interpretar-me a mim e tentar perceber como é que o outro me vê a mim mesmo. Ao que Boaventura Sousa Santos (1997) chama de hermenêutica diatópica. Este autor sugere que haja um diálogo intercultural, a utilização de uma hermenêutica diatópica, ou seja, este papel de mediador é de dois “topos”, dois lugares, a partir de A conseguir ver B com os seus próprios olhos, mas também conseguir ver A a partir de B com os olhos do outro, contrariando o assistencialismo, uma hermenêutica monolítica, como se houvesse um só sentido, eu penso que o outro está a pensar isto e aquilo de mim, mas se eu não escutar o outro não consigo perceber o que ele pensa de mim.

A empatia é exatamente tentarmos pôr no lugar do outro, mas nunca chegamos a ser o outro. Agora sem essa aproximação não há verdadeiro entendimento, não há compreensão.

Por isso muitos conflitos sociais, internacionais e familiares são ausência de hermenêutica, ausência de uma verdadeira comunicação, não há compreensão mútua.

Cohen – Emerique (2008) defende “uma postura de negociação, caso a caso, uma busca em comum do profissional e da família imigrante, mediante o diálogo e o intercâmbio de um mínimo de acordo, de um compromisso onde cada qual se veja respeitado na sua identidade e nos seus valores básicos ao aproximar-se do outro.” (Vieira e Vieira, 2016, p.59). Torremorell acrescenta que se através da mediação intercultural conseguimos” ...trabalhar com o outro e não contra o outro, estamos a tratar os conflitos numa perspectiva de crescimento pessoal e aprendizagem contínua, procurando, equidade e compromisso informado superando a violência, e a exclusão num amplo movimento personalizador de coesão social. (Torremorell, 2008, p.85).

1.3 - Uma Representação Física da Identidade

Tomei a decisão de abordar a temática da identidade, também de uma forma mais empírica, no sentido estrito do termo, através de um instrumento físico, a máscara. Esta foi uma decisão ponderada, de forma a tornar mais visível uma temática multiplamente teorizada, e tantas vezes mal-entendida, pela falta de possibilidades de imagens. Acredito que quanto mais possibilidades existirem, mais pessoas vamos alcançar e em ciências sociais não seria de esperar outro objetivo, uma maior democratização do ser através do saber. É verdade que existem pessoas mais visuais, outras mais auditivas e ainda outras mais cinestésicas (mais de sensações, despertadas ao toque). Vou agora apelar à visualização pois gostei muito de ouvir esta abordagem da identidade através das máscaras que vou tentar traduzir agora por palavras. A palavra latina para máscara é “persona”, a máscara é a nossa “persona”, a nossa (persona)lidade, a nossa identidade. Quando eu estou a construir as minhas máscaras, as minhas identidades, estou a construir-me a mim mesmo. Se pensarmos nas máscaras dos inventores do teatro greco-romano, estas simbolizavam ou representavam, aquilo que eram as ideias e os conceitos que os atores queriam transmitir. Eram meios para chegar ao público, eram instrumentos mediáticos. As nossas máscaras são instrumentos mediáticos no sentido de que são um meio utilizado para chegarmos ao humano, meu e do outro, uma vez que, eu sou eu e as minhas máscaras. Com conhecimento próprio, conheço as minhas máscaras e as minhas identidades em mutação, o que é fundamental para a minha relação com o outro. Se eu for falar com refugiados com os quais quero mediar, quero fazer uma intervenção, sei que estou a falar com pessoas em situações de extrema debilidade, para haver uma inter-relação positiva e não intrusiva não me devo apresentar de vestido formal, com

um coque todo bem arranjado de quem acabou de sair do salão de beleza, talvez não consiga que essa máscara funcione bem com esses indivíduos. A máscara aqui, como em todas as situações de intervenção, funciona como um instrumento duplo, é ao mesmo tempo algo que me permite chegar ao outro, apresentando-me de forma mais “descontraída”, mas essa máscara que eu visto, também sou eu, essa máscara não me permite só chegar ao outro, mas funciona paralelamente como um mecanismo de proteção, um muro. O material das máscaras dos atores greco-romanos, era madeira, um material forte, pesado, protegia os atores do personagem e dos outros. Era um instrumento de ligação e ao mesmo tempo de proteção. Refletir sobre o instrumento da construção da máscara, é fundamental na relação com o outro. Como profissional das relações humanas, temos de nos transformar em artistas, pintores, saber construir muito bem as máscaras, saber pensá-las e conhecê-las. Mas esse instrumento é parte de nós mesmos, são máscaras que vamos colocando, camada atrás de camada, e que vamos intercambiando, e não são mais nem menos do que “persona”, somos pessoas com as nossas máscaras, eu sou eu e as minhas circunstâncias. Esta é a perspectiva de José Ortega y Gasset, quando diz que “eu sou eu e as minhas circunstâncias e se não as salvar não me salvo a mim” (Ortega y Gasset, 1914/1966, p.322) . Se eu não entender o meu contexto, o mundo onde eu vivo, o que me levou a pensar aquilo que eu penso, e a ser aquilo que eu sou, dentro das minhas circunstâncias, não consigo salvar-me, pois, estarei a tomar decisões e a dar opiniões completamente irresponsáveis, fora do contexto. Refletir sobre as máscaras, leva-me a refletir sobre as minhas identidades, se eu não refletir e não souber quem sou como é que vou estar preparado para tratar com o outro? Para me afastar, para me aproximar ou para colocar barreiras? A construção da máscara implica a auto -consciencialização de que temos identidades e através deste instrumento físico, pudemos chegar ao conceito de identidade, com todo e qualquer grupo que necessitamos intervir, não só refugiados, e desbloquear um grande pré-conceito de que só alguns conseguem pensar acerca de certas coisas, quando tudo é acessível com uma pitada de criatividade, outra de boa vontade, mais um pouco de empatia e muito de simpatia, como dizem Doistua, J. e Madariaga, A. ”Una experiencia es óptima ...cuando la persona percibe que quiere y debe hacer algo...y que es capaz de hacer (que tiene habilidades para ello).” (2011, p.110). Permitir que todas as pessoas tenham consciência que todos temos máscaras, ajuda o outro a ser consciente da sua própria identidade, identidade múltipla, mutável, em constante reformulação, e uma identidade mestiça. A reflexão sobre essas máscaras é aquilo que

lhes permite saber incluir-se nos diferentes âmbitos da sua vida. Depois de já termos “construído fisicamente” a máscara, passamos para questões com intuito de (des)construir e refletir. Porque é que eu construí assim a minha máscara, o que é que quer dizer a parte interna, a parte externa, será que me sinto bem com a minha máscara, o que é que eu gostaria de colocar mais na minha máscara, será que gosto da tua máscara, acho que não gosto muito desta parte da minha nem da tua. Estamos a construir a relação com o outro, através deste instrumento, e partir daqui pudemos até mesmo trabalhar a temática da interculturalidade. Então com a máscara e com aquilo que acham que são e com aquilo que querem que os outros vejam, vamos refletir sobre dois presos, um branco e um negro, algemados um ao outro. E sem grandes reflexões pedimos para traduzirem por palavras o que a imagem quer dizer e porquê. As minhas respostas e as dos outros vão fazer com que eu reflita desde a minha máscara, desde a minha identidade, e isso vai fazer questionar, será que a minha máscara está corretamente construída para olhar para esta situação? Partilhando com os outros e ouvindo-os, estou a reconstruir-me a mim mesmo, “não tinha pensado nisso”, já estou a colocar mais um conceito na minha máscara, a minha máscara vai sair diferente depois disto. Recordo aqui um parágrafo da obra de Ana Vieira para entender que esta reconstrução não tem de ser sempre uma novidade, mas pode ser uma recordação, a autora diz que “... a inovação também é aquilo que, num determinado contexto, ainda não experimentámos, mas que pode já ter sido fruto da pesquisa, da aplicação e da avaliação de outros. Não se tratará sempre de encontrar “coisas novas”, antes de as recuperar e melhorar, tornando-as mais eficazes em contextos diferentes.” (Vieira. A, 2016 p.320). Porque todos temos algumas ideias que são determinados preconceitos, a nossa identidade é fundada em ideias prévias, é aquilo que é a nossa cultura, as ideias que nos passam desde a família, a escola e a nossa reflexão sobre isso. Será que existe mesmo realidade para além daquela que eu construo através dos meus óculos, das minhas máscaras? Ou não será uma ficção construída e que nós queremos construir dessa forma? Se vemos a realidade através das nossas identidades, vemos através daquilo que nós construímos, isto é tão importante como a necessidade de nos conhecermos, temos de conhecer as nossas máscaras, saber que as usamos para olhar a realidade e questionar. Será que toda a nossa intervenção é verdadeira, é definitiva?! Em termos sociais, nós vemos o que a nossa cultura diz para ver, e o que é a nossa cultura? São pré-conceitos, pré-juízos, mas para além disso, são as nossas identidades construídas, também vemos coisas que aparentemente não deviam existir. É

importante sermos conscientes daquilo que estamos a ver, por exemplo, os “media” fazem a mediação da informação. Que imagens é que nos trazem? Os árabes são bombistas, suicidas, terroristas, violadores, etc, essa é a visão que nos fazem ter quando olhamos para os árabes. Maalouf diz-nos mesmo que “ o texto não muda, o que muda é o nosso olhar. Mas o texto não age sobre as realidades do mundo senão através do filtro do nosso olhar.” (1999, p.61) Qual é a nossa ideia de sociedade de futuro? Uma sociedade onde não haja problemas? Onde todos sejam iguais? A diferença é um conceito que o próprio ser humano constrói, a diversidade é um facto, como diz Boaventura Souza Santos (2003) daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades, que nós ocidentais nos referimos, a identidade está claramente construída numa base racionalista, individualista. Basta olharmos para os direitos humanos, fala dos direitos do eu, da pessoa. As chamadas “first nations” (nações primitivas, traduzido prefiro mesmo á letra, primeiras nações), têm uma perspetiva do eu completamente diferente, um eu integrado num todo, num universo. O eu só sou eu enquanto universo, eu posso ver-me como um átomo isolado no mundo, ou posso ver-me como uma parte desse todo. A maneira como eu me vivo vai influenciar a maneira como eu olho para o outro, como eu me relaciono com o outro. As máscaras permitem refletir sobre os outros e principalmente sobre nós. É por isso que a identidade dos sujeitos é, a todo o momento, contruída e (re)construída. Constitui-se como um terceiro instruído e, tal como ilustra Serres (1993) na “passagem de uma margem do rio para a outra” originando um novo ser, o “1 e 1=3” (Vieira, 1999, 2003, 2009, 2011), uma ou mais identidades. Na verdade, não há um sujeito livre, o individuo é sempre condicionado por uma estrutura por muito democrática que seja a sociedade, nós aprendemos a pensar com esquemas sociais que vamos bebendo, aos quais se chamam processos de inculturação, socialização, educação, e que faz de nós uma mente, um cérebro que é um músculo que tem uma psique, mas que tem uma mente que é cultural. Essa mente cultural é resultado dos processos de incorporação do que é exterior, as regras sociais exteriores. Através da mediação, começamos a falar de autonomia, educar para autonomizar e não para automatizar, ter consciência do sistema, que é um indivíduo, que é uma estrutura, mas acreditar na possibilidade dum indivíduo poder agenciar. Puder não ser 100% livre, mas puder transformar em parte a estrutura. Temos de pensar no sujeito não só individual, mas no sujeito que tem uma ou várias culturas e quando se chega lá, a um outro, há um choque cultural, não é

porque a pessoa é má e a outra pessoa também é que têm um conflito, isso seria banalizar os encontros humanos e resumir tudo a conflito. Nem tudo é conflito! Até pode haver uma situação conflituosa, mas, como diz Torremorell,” a realidade mostra que, tal como a energia, os conflitos, não se criam nem se destroem, apenas se transformam. (Torremorell, 2008, p.80) É relação, é interação, é discórdia, é concórdia. No choque de cultura estamos a falar em aceitar que cada pessoa tem uma história de vida dentro de si, e que a mediação intercultural tem como objetivo uma sociedade inclusiva, tem como objetivo a construção da interculturalidade, tem como objetivo a convivência, e a convivência não significa a uniformização. Nós não somos só um, nem só o outro, somos o resultado dessa combinação, o que é diferente da adição, mais. É muito mais do que isso, somos um mestiço, um terceiro instruível, que não é só as duas coisas, há muita heterogeneidade na combinação de apenas dois elementos. O exemplo das margens do rio é muito inteligente para pensar nesta identidade compósita, dinâmica, imaginemos um rio e duas margens, numa margem temos a nossa casa e na outra uma escola, no meio um rio e uma ponte para atravessar. Quem sou eu saída da margem esquerda, chegada á margem direita? Serei um habitante da margem esquerda ou da direita, serei um habitante das duas margens?! Serei eu só a origem (de onde nasci e saí) ou sou um pouco de todos os lugares por onde passei, e onde posso ter enraizado um bocadinho. Sou um pouco daquilo por onde passei. O terceiro é justamente a atitude que vamos construindo, a identidade que vamos construindo resultante de todos estes lugares por onde passamos. Vieira diz-nos que a “construção de identidade consiste, neste sentido, em dar significado consistente e coerente à própria existência, integrando as suas experiências passadas e presentes, com o fim de dar um sentido ao futuro. Trata-se de uma incessante definição de si próprio (Vieira, 2019, p. 44). O eu não habita só uma margem, a margem esquerda do rio onde nasceu, e não habita só aquela segunda margem para onde foi quando casou, ou porque é lá que é a sua escola. Ele não é partida, nem chegada, habita uma terceira margem, que é uma atitude, a interculturalidade é uma atitude, é a mestiçagem de todas influências culturais que a pessoa tem, que a torna capaz de compreender todos os outros, de quem tem um pouco dos outros com os quais se identificou. “As terceiras pessoas podem contribuir para a reconstrução da identidade pessoal, quando há uma assimilação e integração bem-sucedidas das identidades fragmentárias que retiramos dos outros, quando estas dão origem á organização de um novo todo, de uma nova unidade cultural com características únicas que permitem distinguir um individuo dos

outros.” (Vieira, R, 1998). Quem eu sou, quem eu acho que sou, por vezes não é igual aquilo que os outros pensam que eu sou. Há uma identidade pessoal, a imagem que eu tenho sobre mim própria, a auto-identidade, há uma identidade social, que é o como os outros me veem a mim mesma, e muitas vezes nós ainda tentamos “jogar” para que não haja desilusão, procurando transformar o outro dizendo que eu não sou aquilo que ele pensa que eu sou. Assim como, por vezes, também me aproximo um bocado da imagem do outro (identidade dinâmica), de que nos fala Ricardo Vieira (2011) tal como da constante reestruturação metamorfose-para um novo todo. Falar de identidade é falar de alteridade e alteridade é isto mesmo, é o outro, é o espelho, é que se não houvesse homens eu não era mulher, nós não temos uma equipa de futebol que represente o planeta terra, pois não teríamos com quem jogar. A alteridade é o outro com a imagem de quem eu sou, são duas faces da mesma moeda, a máscara. A identidade e alteridade são simétricas e movíveis, o objetivo primeiro é compreender a identidade da alteridade, que é diminuir a estranheza do outro, compreendê-lo. Este é um primeiro passo, compreender, depois pudemos intervir, mas enquanto investigo já estou á procura de maneiras de empoderar, não é feito do exterior para o interior, mas conjuntamente. Se eu intervir só de fora estou a ser colonizadora, mas se eu intervir com escuta e com a vontade dos outros estou a fazer uma intervenção social mediadora. “... só será eficaz se suscitar a participação ativa dos atores nesse mesmo processo de intervenção simultaneamente pessoal e social, e simultaneamente de investigação de um objeto que é também ele próprio sujeito.” (Vieira, R. 2011) A escuta ativa é o pilar de toda a mediação, intervir, sem escuta é ser um mero “assistencialista”, se não partir do ponto de vista do outro estamos a dar uma solução, estamos a dar uma receita, estamos a ser “enfermeiros”. “...ao contrário do médico, do terapeuta...o educador assume na relação o duplo papel de quem está implicado e, ao mesmo tempo, impedido de ...dar a solução...cabe-lhe, sobretudo, escutar, estar atento, criando situações de encontro e de proximidade favoráveis á emergência das respostas pessoais...dos verdadeiros protagonistas da ação.” (Vieira e Vieira, 2016) Em primeiro lugar temos de ser conscientes da nossa máscara, dos nossos interesses, dos nossos óculos, dos nossos preconceitos, dos nossos contextos, entender a situação. Em segundo tratasse de saber com que olhos é que “olho” a situação e com que máscaras os outros olham a mesma. A partir do momento em que todos temos consciência de que temos perspetivas vamos desconstruir, e aqui entra o papel do mediador, tentar fazer com que uns e outros, entendam que têm máscaras e quais as de

cada um. Não se trata de impor perspectivas, de impor opiniões, mas sentir que não sabemos o suficiente para tomarmos uma decisão, sentir que precisamos e queremos investigar para a poder tomar empoderar criando a falta. Michel Serres, filósofo francês, tem um livro de nome “O Terceiro Instruído” (1993) que nos diz exatamente que nós não somos instruídos só pela primeira margem ou segunda margem, inventamos uma terceira e às vezes uma quarta ou quinta margens. (como se um rio tivesse mais do que duas margens). Isto é tudo menos absurdo, é só pensarmos naquelas pessoas que falam com todos, e incorporam tudo sem negar nada destas componentes do self-individual, incorporam o sócio- cultural de toda a parte. São self’s interculturais. A busca pela identidade, do reconhecimento das nossas máscaras trás autoconfiança, pois a maioria das pessoas continua a pensar o cidadão como não sendo do mundo, nem sendo de vários sítios, sendo apenas de um lugar que é a naturalidade. É este pensamento primário que nos faz muitas vezes sentir como não sendo de lado nenhum, o que gera sofrimento e falta de empatia em relação ao outro e com o outro. Ricardo Vieira diz-nos “que se o eu e o eles são construções interculturais, pois retiram dos sistemas com que interagem partes para construir o seu todo cultural... não significa, contudo que as atitudes dos protagonistas sejam igualmente interculturais. Por vezes são francamente monoculturais. Ou multiculturais, que transformam a diferença em desigualdade através de processos explícitos e ocultos de exclusão.” (Vieira, 1999).

CAPÍTULO 2
METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

2.1 - Uma Análise Qualitativa

No meu trabalho vou recorrer a entrevistas informais a dois refugiados de guerra, através de técnicas humanizantes como a conversa informal, a escuta ativa e debater acerca das palavras-chave. É com o humano que pudemos fazer avanços que empoderem e munam os sujeitos de liberdade.

Quando Isabel Guerra fala da análise qualitativa, apresenta como não sendo uma análise fácil, exatamente pelas características inerentes ao sujeito, ser humano, "...as características da análise qualitativa não facilitam uma definição a priori do universo de análise, porque, em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa é muito maleável, o objeto evolui, a amostra pode alterar-se ao longo do percurso; e, por outro lado, é difícil (se não mesmo impossível) definir uma amostra sem fazer referência ao processo de construção do objecto; assim, é quase impossível definir uma amostra para as análises qualitativas, dada a diversidade de objectos e métodos" (Guerra, 2006 p. 43; Margarido, 2011, p.141)

Na investigação em ciência humanas, e tal como vimos na citação anterior, nós não temos como objetivo o estudo de um todo abstrato, mas sim compreendermos o mais exaustivamente possível, as particularidades dos sujeitos de estudo.

A complexidade da metodologia usada resulta da natureza dos meus sujeitos, como tal eu não escolhi o método a priori, posso dizer que o método me escolheu a mim. Como podemos conhecer histórias de vida sem escutar ativamente as mesmas histórias?

"De facto, entrevistado e entrevistador alcançam dimensões do pensamento que não são passíveis de equacionar numa simples aritmética tipo $1+1=2$. O resultado é possivelmente melhor traduzido por um 3, símbolo da criação, pois contém uma descoberta e racionalização que resulta da existência da interação entre pelo menos dois sujeitos" (Vieira, 2003, p.86), e é através destas descobertas, somente possíveis pela interação entre sujeitos, que pretendo obter respostas, com a consciência que terminarei com muito mais questões do que soluções.

Para compreender como estas pessoas são obrigadas, por causa dum incidente crítico que não é da responsabilidade deles, a sair da sua zona de conforto onde sempre viveram e refugiar-se noutra país ou lugar totalmente desconhecido, sei à partida que nunca vai deixar de ser um assalto aos direitos humanos nunca vai deixar de ser uma questão moral, não é tanto uma questão de ética, numa dimensão mais pessoal. A identidade dos meus sujeitos de estudo está a ser violada pela humanidade, está a ser

violada por contingências maiores que eles não conseguem controlar, mas que tem impacto sobre a identidade deles, e a forma como eles se constroem e re (constroem) quotidianamente. Partindo daqui, coloco-me na área da etnografia como metodologia de recolha de testemunhos, de acontecimentos, de incidentes, de muitas histórias, coloco-me no papel de etnógrafa com tripla ou múltiplas funções, como descrever, analisar, interpretar, dar a conhecer, exprimir sentimentos e a falta deles. Comecei por falar em conversas informais, com consciência de que “O pesquisador é integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenómenos, atribuindo-lhes um significado, como nos diz Baptista, (1999, p35). Esta tarefa de investigadora, como “observador participante” (Margarido, 2011), tornou-se bastante dolorida e demorada devido á minha problemática e também experiência pessoal. Já imaginava fazer parte do segundo tipo de observadores de que fala Fernandes “...desde uma observação direta distanciada e desimplicada em situação de anonimato até a uma observação participante demorada e intensa, na posição de co-actor [...]” (Fernandes, 2003, p.28), era muito mais simples não conhecer os meus sujeitos mas isso faria de mim uma cientista dita da “natureza”, o que não sou. Neste trabalho como pesquisadora faço parte “... integrante do processo de conhecimento e interpreto os fenómenos, atribuindo-lhes um significado” (Baptista, 1999, p.35), e é nesta atribuição de significado que refere Batista, que está a maior responsabilidade, daí apresentar a parte empírica do meu trabalho com muitas falas dos meus sujeitos de estudo, traduzindo o menos possível os idiomas e as linguagens.

Martinelli e mais tarde Morse dizem a respeito do investigador e do investigado que, “não é só a minha visão de pesquisador em relação ao problema, mas é também o que o sujeito tem a me dizer a respeito. [...] O sujeito não pode ser oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades!” (Martinelli, 1999, p. 21-26). Deste modo, “[...] ambas as visões são importantes para ajudar o etnógrafo a compreender porque é que os membros daquele grupo específico fazem o que fazem, e ambas são necessárias se o etnógrafo tiver que compreender e descrever acuradamente situações e comportamentos” (Morse, 2007, p. 168).

Caria diz-nos mesmo que a “etnografia demonstra especial relevância e “[...] torna-se, hoje, especialmente útil para abordar o banal e o familiar, e o que se encontra mais próximo, permitindo identificar a diversidade cultural daquilo que aparenta ser tão igual ou comum a «nós»” (Caria, 2003, p. 12). Em relação a Vieira, este autor diz que

“O etnógrafo, seja do outro distante fisicamente, do outro próximo geograficamente, ainda que distante cognitivamente...nunca consegue ser neutro nem invisível. “(Vieira, 2011, p.59). Tanto Caria como Vieira falam da etnografia como eu a senti, vivi, li e escrevi, encontrei múltiplas culturas em apenas duas histórias de vida, contadas em algumas horas de conversas. Cada olhar, pausa, suspiro e às vezes risos, de ambos os lados, meus e dos meus sujeitos de estudo, não estão contabilizados nestas páginas, mas fica a tentativa de “...compreender e explicar o sentido que os indivíduos atribuem às suas ações e descobrir os motivos pelas quais as executam em determinado momento histórico. (Casal, 1996, p.30), cumprindo assim com o que Casal diz ser o objetivo da análise em ciências sociais. Aquilo que fica por escrever deve-se à complexidade do método e características dos sujeitos, como Vieira diz acerca das entrevistas, “entrevistador e entrevistado, alcançam dimensões do pensamento que não são passíveis de equacionar numa simples aritmética tipo $1+1=2$...pois contém uma descoberta e racionalização que resulta da existência da interação entre pelo menos dois sujeitos. (Vieira, 1996, p.30)

Isabel Guerra dá primazia a Demazière e Dubar (1997) para falar das opções ou pontos de vista que nos deixam para tentarmos entender o método da análise qualitativa baseado especialmente nas entrevistas. Começa com Lazarsfield e Merton que usavam a entrevista ou o questionário como a essência de todo o estudo sociológico, quando falamos em essência, falamos exatamente num pensamento per si e que tudo gira à volta do questionário, sendo esse o objeto de estudo e o resto que o rodeia, nomeadamente as pessoas inquiridas, meramente apêndices ou usados para se enquadrar nessa técnica e não o inverso. Como já vimos em tantas “escritas” temos aqui marcado o positivismo, a tentativa de usar a causa-efeito das ciências ditas naturais coesificando sujeitos sem querer saber dos casos em particular, nem tão pouco atender às especificidades de cada tempo e espaço, mas sim com a única preocupação de tirar uma lei, uma estatística ou uma percentagem que justifique o fenómeno sociológico, através apenas do topo chamado investigador e tudo o que ele estudou á priori, antes de chegar aos sujeitos, e na maioria das vezes nunca chegando concretamente a eles. O valor aqui está do lado do entrevistador e não do entrevistado, vamos dar um exemplo que nos possa ajudar a compreender. Imaginemos que eu como investigadora, concluía a priori que os refugiados que conheci querem voltar aos seus locais de origem, porque é o objetivo e desejo da maioria. Á priori o meu objetivo já estava cumprido, podia fazer o inquérito para provar e generalizar

comportamentos. Então e as inúmeras causas específicas, os casos particulares que muitas vezes não são assim tão particulares como isso?!. Acabaria por banalizar a linguagem dos sujeitos, não a considerando importante como instrumento de prova científica.

Por outro lado, também não se pode cair no outro topo ou extremo de só dar valor ao conteúdo das entrevistas e tornar lei aquilo que os sujeitos dizem. Se os meus dois sujeitos entrevistados se considerarem incompletos sem voltarem para as suas casas, o investigador não pode concluir que todos os refugiados têm o mesmo sentimento. Uma amostra não pode ditar um facto social ou criar uma teoria sociológica sem qualquer intervenção do investigador, tem de ser contextualizado no espaço e no tempo.

Um cientista do humano incorpora em si muitas disciplinas das ciências sociais, enquanto investigador, tem de ser um mediador entre aquilo que os próprios sujeitos de estudo dizem, interpretando não só as palavras mas também, e com o mesmo grau de importância os gestos, aquilo que não é dito, as ações e não ações, as interações, tentando não interferir enquanto observador mas interferindo na interpretação de culturas. Importante também é ser um mediador atento à veracidade, o que é realizado no meio do sujeito, pois por vezes pode ser manipulado só pela presença do investigador, daí a necessidade de criar, à priori, uma relação de confiança, ouvindo com o coração e conseguindo beber entre o que o sistema impõe e a cultura adquirida pois a relação cultural e social é completamente indissociável.

Para chegar à desejada representação mental do que se passa na realidade social, às respostas e ainda mais perguntas da investigação, temos de “saturar” ao máximo a parte empírica para conseguir traduzir as culturas e passá-las à comunidade científica.

No caso deste trabalho, preparei previamente as perguntas que precisava fazer aos meus refugiados, e todas foram feitas com imagem de vídeo, via whatsapp.

No contexto dos refugiados, através do trabalho etnográfico e valorizando por igual todas as culturas que existem na sociedade, tendo sempre em conta que as sociedades hoje são cada vez mais multiculturais, sobrevalorizando um tipo de cultura, e ao mesmo tempo com ou sem intenção, legitimá-la socialmente. O nosso trabalho é (des) complexificar e fazer este trabalho de mediadores investigadores, traduzir todo o tipo de linguagens, o conversar, os gestos, os suspiros, as pausas, as respostas que ficaram por dar, o que foi explícito e o que ficou só implícito e mais importante ainda, ouvir mais e perguntar menos, porque os nossos sujeitos de estudos são ricos na sua singularidade.

Usei “...uma metodologia de enfoque etnográfico, com recurso a entrevistas abertas, livres e semi- estruturadas (BELL, 1997; BOGDAN & BIKLEN, 1994); a entrevistas como “conversas” e entrevistas etnográficas (ATKINSON & SILVERMAN, 1997; SPRADLAY, 1979; VIEIRA, 2003 e 2011; VIEIRA, 2013); Realizou-se uma análise de conteúdo, tipo qualitativo, das entrevistas (GUERRA, 2006), privilegiando a abordagem descritiva, interpretativa e compreensiva da realidade, o que pressupõe que o investigador se assumia como um etnógrafo capaz de captar o lado invisível dos actores e o(s) lado (s) oculto(s) ou menos visíveis.” (Vieira e Vieira, 2014), e recorro a este parágrafo que tão bem descreve o meu trabalho.

2.2- Acerca da Problemática da Investigação

Antes de mais considero importante esclarecer, o que é a problemática ao nível duma investigação social.

A problemática é uma construção do investigador, na verdade a problemática é mais do que uma pergunta, é um enquadramento que termina com uma pergunta que resulta em mais perguntas, mas que também pode terminar sem perguntas, daí que o meu objetivo de investigação seja este, compreender porque qualquer coisa. A pergunta de partida, ou as perguntas, ou os objetivos, ou as hipóteses são uma parte do todo, o todo é a problemática científica, mas que eu tenho de apresentar como enquadramento. Vieira e Faria falam dessa complexidade,

“Trata-se desde logo, de formular de uma forma precisa, concisa e unívoca, um problema que se conhece como complexo, o que obriga a fixar a atenção num aspeto particular da realidade, sem esquecer, no entanto, o todo em que se insere.” (Faria e Vieira, 2016, p.125-155)

Um tema obriga a ser exprimido para encontrar um problema científico que depois tem de resultar como “pergunta de partida” ou como perguntas, ou como objetivos. Neste sentido, a minha problemática é perceber de que forma é que estas pessoas, no caso refugiados de guerra, se reconstroem dentro de determinado contexto. Mas a minha problemática deriva de muitas outras coisas, deriva da guerra, das identidades assassinas que alguém tem, da coexistência ou falta dela.

Um problema também deve ser empírico, não vamos fazer uma investigação filosófica sobre determinado assunto, deve ter uma base de dados de natureza empírica, e por isso não deve ter subjacente questões de natureza moral, uma vez que essas não têm fundamento empírico, como tal *“Um problema de pesquisa não é, portanto, um*

problema que se pode “resolver” pela intuição, pela tradição, pelo senso-comum, ou até pela simples especulação. Um problema de pesquisa supõe que informações suplementares podem ser obtidas a fim de cercá-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou eventualmente contribuir para a sua resolução” (Laville e Dionne, 1999, p.88)

Por exemplo, se eu disser que quero investigar se a entrevistada Eugénia foi mais bem recebida, ou se sofreu mais que o entrevistado Sacha, estou a colocar uma questão moral subjetiva, o que me pode levar a considerações subjetivas e não empiricamente verificáveis. Posso é escutar o processo de cada um, identificar as influências positivas ou negativas sofridas ao longo do caminho e salientar os aspetos mais importantes para mim, a saber, identificar os mediadores influentes, essas identidades assassinas que tanto fala Amin Maalouf e se estão mais perto do oblato de Vieira ou do trãnsfuga. Vamos resolver o problema da nossa investigação, e essa investigação até pode contribuir para melhorar algum aspeto particular deste mundo.

O meu objeto central é perceber de que forma as pessoas que vou entrevistar, se reconstroem de maneira diferente, face aquilo que foram os incidentes críticos que aconteceram na vida deles pois apesar de todos termos incidentes críticos há uns mais graves do que outros, que transformam de forma irreversível a nossa vida pessoal, social, etc, como defende Cristóvão Margarido (2011) “Existem contextos, situações, acontecimentos, acasos, acidentes e incidentes críticos... que influenciam ativamente os percursos da vida do indivíduo, implicando-o globalmente nas resposta que irá dar,... nas diversas etapas da sua vida, que implicam assim, uma re(construção) incessante do “habitus” como gramática de atitudes que governa a ação.” (Margarido, 2011, p.102)

Neste caso este incidente critico que se chama guerra transformou a vida destas pessoas do ponto de vista pessoal, familiar, psicológico, identitário, transformou a todos os níveis. Estes incidentes colocam os meus sujeitos de estudo numa situação de quase marginalização social, como se costuma dizer estes refugiados vêm “com uma mão à frente e outra atrás” em que a pessoa está na margem do rio onde não tem acesso aos direitos e padrões de cidadania considerados aceitáveis. Outro conceito que será analisado será o de pessoas críticas que bebe um pouco do conceito de incidentes críticos. Há pessoas críticas negativas que são modelos a rejeitar pelos sujeitos. Vieira fala destas pessoas como um modelo, “Estas pessoas podem servir de modelo positivo ou negativo “[...] consoante esses modelos são arrumados com o ideais-tipo a seguir ou, pelo contrário, rejeitar” (Vieira, 1999, p. 342; Margarido, 2011, p.239)

Os problemas são sempre construídos, é o investigador que constrói o problema, é a partir da sua visão que determinada questão é vista como um problema a investigar. Não se trata de algo problemático, mas sim algo que necessita uma resposta, aqui o problema é apenas um tema que necessita de uma resposta e é isso que o investigador constrói, o nosso olhar é que constrói o problema, o que nós podemos considerar e construir como um problema para outro pode não ser visto como tal. Laville e Dionne ajudam-me a fundamentar esta ideia quando questionam de onde vêm os nossos problemas de pesquisa, “...isso vem de nossas experiências: do que somos, pois são nossas experiências que nos fizeram ser o que somos. É o que acontece para todos os pesquisadores. Nossas experiências são, essencialmente, uma mistura de conhecimentos e valores, dos quais nos dispomos, em maior ou menor quantidade, com mais ou menos variedade de amplitude e de domínio. Esses conhecimentos e esses valores.. os aprendemos ou transformamos, adaptando-os; por vezes, nós mesmos os desenvolvemos.” (Laville e Dionne, 1999, p. 89)

Tratando-se duma dissertação de mediação intercultural e intervenção social, fez-me todo sentido abordar uma minoria fragilizada e muitas vezes marginalizada no contexto de guerra e fora da mesma. Do ponto de vista social, ao nível da interculturalidade e multiculturalidade, apresentando uma refugiada de Moçambique e outro da Ucrânia que se encontram fora dos seus locais de origem, nas costas do conforto dos seus hábitos e costumes. Os refugiados são apresentados como interculturais a dado momento e multiculturais em outros, pois a sua identidade foi formada por raízes dos seus países ou locais de origem, onde viveram ou nasceram viajando entre tantas ou mais culturas como aldeias, cidades ou países por onde passaram.

CAPÍTULO 3

Parte empírica e resultados

Duas histórias de vida na guerra

3.1 - Introdução ao Capítulo

Este capítulo, é destinado unicamente às histórias de vida dos sujeitos em estudo. Por outras palavras, é o “coração” do trabalho, e trata da análise realizada, bem como das conclusões obtidas a partir dos momentos de partilha. À medida que se analisa o passado e presente do sujeito em estudo, vai sendo igualmente possível retratá-lo, utilizando extratos das entrevistas, que permitem compreender mais facilmente a trajetória de vida das pessoas, as suas motivações, lutas, angústias, constrangimentos, vivências e perceções, resumindo: as suas (trans)formações.

Sem este capítulo, tudo o que foi feito até aqui não acrescentava nada de novo a um trabalho desta natureza, talvez uma nova forma de escrever, mais uma perspetiva de tudo o que já foi escrito até aos dias de hoje. Sem querer retirar a importância à minha perspetiva, afinal a análise, da análise, da análise, passando todas as redundâncias possíveis, sempre enriquece e trás algo novo, pois tudo o que eu vivi, só eu vivi, agora conseguir transportar tudo isso para uma folha de papel, só mesmo a forma de escrever para nos identificar, a astúcia de nos levar ao nosso próprio limite e claro, correr todos os riscos e mais alguns do que a própria palavra arriscar inclui, riscar o que nos acrescenta e saber riscar o que já não importa, se possível com muita crítica, tanta quanto nos for permitido construir pensamentos, ações e reações sempre em prol do outro, aquele que nos lê e aquele que não sabe ler. São em especial estes últimos, por iliteracia ou por questões de linguagem ou até falta de traduções, que mais me movem, essa tão esperada intervenção social mais humanizante por todos os que não têm voz nem escrita.

Os meus sujeitos de estudo são dois refugiados, a primeira refugiada é a Eugénia, originária de Cabo Delgado em Moçambique e o segundo refugiado é o Sacha, originário de Kiev, na Ucrânia. Têm em comum deixar tudo para trás para não morrerem pelas mãos da guerra e estarem a tentar reconstruir as suas vidas em locais, por agora, mais pacíficos. O meu segundo sujeito de estudo tem a característica de ser duplamente refugiado, como ele próprio se apelidou.

Como categorias de análise, e tendo em linha de conta a importância do início da história para contextualização e não deixar nenhuma ponta solta, vou falar-vos do antes da guerra de Eugénia e Sacha, seguido do durante e o pós-guerra. Como são histórias diferentes serão separadas em cada categoria e serão entrecruzadas sempre que considerar pertinente. Mas prometo não misturar conversas para não confundir,

nem cortar linhas de pensamento a quem está a ler, já que também tenho a grande responsabilidade de passar emoções através da escrita. Cada vez que leio as entrevistas penso que se vou escrever por palavras minhas o que ouvi e vamos todos perder a parte mais importante da história, a fala das pessoas. Cada palavra que foi dita vale ouro, sinto que se não transcrever tudo, que vamos todos ficar mais pobres e deitar barras de ouro para o fundo do mar.

3.2 - História de Vida da Eugénia

Eugénia, refugiada da guerra de Moçambique, tem quarenta anos, nasceu no dia 7 de julho de 1982 em Cabo Delgado. E aqui começa uma história de vida e uma vida cheia de histórias.

3.2.1 - Antes da Guerra:

Eugénia é uma mulher de 41 anos, natural de Cabo Delgado, província de Moçambique. Nasceu no dia sete do mês sete de 1982, como ela mesma descreveu, e foi criada pelos avós e a tia, segundo ela porque a mãe era cega e a única coisa que conseguia fazer era amamentá-la.

“...- Meus pai, eu não vivi com o meu pai, eu só vivi com a minha mãe, a minha mãe era cega, quem me criou é meu avô, a minha mãe só sabia me alimentar, quem dava banho é minha tia, até minha tia desconsseguiu estudar por causa de me criar. Sempre ela ia na escola enquanto estava no colo dela, então os professor disse “assim é melhor ficar em casa a criar essa criança, como a mãe está nessa situação já assim, pronto minha tia desconsseguiu de estudar. A minha mãe ficou cega quando era menina mesmo, antes de mim nascer, depois de eu crescer o meu avó começou a me falar a dizer que a sua mãe é cega assim, porque isso aqui são drogas das familiar, foi drogada, então daí o pai dela levou para a Tanzânia para medicamentos. “

Era a tia que lhe dava banho e ia com ela ao colo para a escola, pois também ela era uma criança, até que os professores convenceram a tia a deixar a escola para ficar a cuidar de Eugénia em casa. A tia nunca mais estudou. Quando Eugénia me contou que a tia tinha deixado de estudar por sugestão dos professores, de imediato me recordei de Ana Vieira e da monoculturalidade que existe ainda hoje nas escolas, aqui em Portugal e em todos os lugares do mundo, "A cultura dominante nas salas de aula é a que corresponde à visão de determinados grupos sociais: nos conteúdos escolares e

nos textos aparecem poucas vezes a cultura popular, as subculturas dos jovens, as contribuições das mulheres à sociedade, as formas de vida rurais, e dos povos desfavorecidos (exceto os elementos de exotismo), o problema da fome, do desemprego ou dos maus tratos, o racismo e a xenofobia, as consequências do consumismo e muitos outros temas problemas que parecem “incômodos” (Vieira, A., 2016 p.70), e da necessidade de uma educação social mais intercultural, no sentido de “... uma pedagogia centrada no aluno, que tire partido da diversidade do público escolar...que implica uma forte ligação ao real e uma abertura ao meio envolvente...(idem). Como este é um trabalho de mediação intercultural e intervenção social, pudemos ver através da fala de Eugénia, como esta monoculturalidade, levada quase ao extremo, influenciou uma trajetória de vida, começando pela tia de Eugénia e repetindo-se na própria Eugénia. E de tantas histórias que me podia ter contado, e pela forma como o disse, com grande tristeza, percebi a influência negativa do social (escolar) nesta mulher, pois como a tia, também ela não conseguiu estudar. Ela sabia muito bem que não tinha de ser assim e que não era suposto ser assim e que isso fez dela, como é dito mais á frente, um ser “só a existir”.

A mãe ficou cega ainda era uma criança, foi mais tarde que o avô contou a Eugénia a causa da cegueira da filha, resultado de bruxarias e drogas que a família usou contra ela. Em relação à mãe não se sabe quase nada, apenas que o avô ainda a levou a Tanzânia em busca de tratamentos com medicamentos alternativos, mas não conseguiu nenhuma melhoria. A mãe morreu com trinta anos, em 1993, quando a Eugénia fez dez anos de idade. Em relação ao pai, nunca ouviu falar dele.

No que diz respeito à educação escolar, quando questionada até que ano estudou, Eugénia afirmou, sem pensar duas vezes, que nunca estudou, até que reformulada a pergunta para, se nunca tinha andado na escola, a resposta já foi diferente. Eugénia andou na escola até à quinta classe, ou seja, os primeiros cinco anos escolares, mas ela não considera isso estudar, afirmou categoricamente que isso não era estudar nada, estudar era ter andado na escola até ao final. Nas suas próprias palavras refere: “- *sim, estudei pouco, por causa de viver com os velhos, já aqueles velhos não conseguia nada, me matricular, comprar roupa, daí eu estudei pouco, primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, quinta que eu terminei*”

Encontrei na dissertação de doutoramento de Cristóvão Margarido (2011) esta forma do sujeito se ver, de Edgar Morin (2002), que encontra no indivíduo o ver-se a si mesmo como “realidade única” “...o indivíduo tem sido conjecturado enquanto uma de

duas perspectivas: como “única realidade” imediata, independente do conceito de espécie; ou como ingrediente menor, que se “desvanece” através de uma lente determinista que apenas localiza o todo ...)” (Margarido,2011, p. 57)

As pessoas mais importantes da vida de Eugénia, e que mais a influenciaram foram, sem dúvida, os seus avós, em especial o seu avô, pais da mãe, que a criaram e ajudaram até à idade de catorze anos. Encontro aqui a primeira pessoa crítica positiva da vida de Eugénia, o avô, aquela pessoa que Vieira (1999) refere como modelo a seguir “Estas pessoas podem servir de modelo positivo ou negativo “[...] consoante esses modelos são arrumados com o ideais-tipo a seguir ou, pelo contrário, rejeitar”. Se fosse um modelo, que tivesse influenciado negativamente a vida de Eugénia, um modelo a não seguir estaríamos a falar de uma pessoa crítica negativa. (Margarido, 2011, p.239). Apesar de ter sido criada pelos avós e pela tia foi o avô quem a marcou mais como várias vezes foi referido. Por falta de roupa e sapatos Eugénia deixa a escola mais ou menos aos 11 anos de idade. Os avós, aos quais apelida de velhos, não tinham nada para lhe dar a não ser a comida, que vinha da “machamba” (cultivo próprio): *“Não tinha nada, só capinava, milho, amendoim, vender, conseguir dinheiro, comprar sabão, isso só amada. Era difícil.”*

Quando Eugénia começou a ter consciência que as roupas que levava eram mais rotas e velhas do que as dos colegas, e que alguns meninos iam calçados, mas ela ia sem qualquer sapato ou chinelo, decidiu deixar a escola por vergonha e falta de condições.

A casa onde vivia, era habitada por mais de dez pessoas, tinha uma sala e três quartos, era feita de matope, pau pique e coberta de capim. Era a casa do avô Tomás Tiago, um “bom homem mesmo”, da avó, das tias, netos e bisnetos.

Quando Eugénia foi questionada da coisa mais importante que lhe aconteceu na infância, quer positiva quer negativa, a resposta coincide nos estudos, ou seja, se for separar um incidente crítico positivo e um negativo da infância, apenas o posso fazer temporalmente falando, afinal a melhor coisa que lhe aconteceu foi estudar e andar na escola e ao mesmo tempo a pior coisa foi ser obrigada a deixar de estudar, deixar a escola. O sonho de ser médica acabou aos dez anos, porque não podia ir para a escola descalça só com uma capulana amarrada ao pescoço, ao mesmo tempo que via outras meninas com blusas e sapatos, apesar de ainda o ter feito por alguns anos,. A dor de não estudar permanece até hoje, pois comida sempre teve, o avô sempre alimentou a

família, mas não tinham dinheiro para mais nada, tinham comida e um teto. “ *Sim, não gostei. Comer eu comia, meu avô me dava de comer, mas que eu não gostei até agora que estou a falar com a amada, não estudar. Desconsegui por causa de não ter a pessoa para comprar aquilo, ir na escola. Eu na escola ia descalça, sem chinelo, levava só capulana, amarrava aqui em cima (no pescoço) e ir na escola. Acabando eu desistir ir na escola. Não podia ir à escola assim, outras a pôr blusa, a pôr sapato e ir na escola, então eu acabando desistir ir na escola. Daí eu peguei começar a vender negócio.*”

Volta a frisar como um incidente que ficou marcado para toda a vida, e influenciou a sua trajetória:

“É isso que eu não gostei, até hoje estou a ver a pessoa estudou, estão a trabalhar mas eu desconsegui por causa disso. E eu lembro muito bem, até a pessoa quando me pergunta eu falo de verdade “eu não estudei”.

E com esta explicação de Eugénia vamos ao encontro de Josso (2012) quando fala da “autointerpretação crítica” e de tomada de consciência da “relatividade social”...no decurso desta situação, em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa, de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidades, das suas valorizações e representações, das suas expectativas, dos seus desejos e projetos.” (Josso, 2012, p.23)

Aos onze anos começou a trabalhar para comprar as suas próprias roupas, sabão para lavar e ainda ajudar em casa no caril (molho para juntar ao arroz ou chima). Os avós não tinham nada, não havia dinheiro, só capinavam, amendoim, milho para comer e vender que só dava para comprarem sabão para lavar as roupas e pouco mais.

Nas horas das únicas duas refeições faziam um círculo à volta de um prato grande redondo que ficava no chão, à frente ficavam os mais novos, que comiam primeiro, depois mais atrás os mais velhos que comiam o restante:

“Duas vezes, de dia e à tardinha daí vamos dormir. Avó cozinhava para todos familiar, sentava uma prato, e comíamos todos do mesmo prato. Primeiro ficavam as crianças, eram as primeiras pessoa a comer, os mais velhos sentavam atrás das criança, daí começávamos a come, acabou, lavávamos as mãos, sair e ir brincar.”

Entre milho, chima, matapa, arroz, galinhas e porcos que o avô criava e matava de vez em quando, a diversidade alimentar não era muita. Depois de comer lavavam as mãos

e iam brincar ou sentar sem fazer nada. Todos comiam duas vezes por dia, de dia e à tarde, a avó era sempre quem cozinhava. Eugénia diz mesmo que “era só uma pessoa a existir, sem nenhuns objetivos”. Aqui está uma reflexão introspetiva bem explícita, a prova de que o ser humano tem uma capacidade individual não só de ser mas de se conhecer, “ o conhecimento é exterior, mas o conhecer, o processo de conhecimento, esse é interior” (Dewey, cit. in Vieira, 2011, p.171). Assim, procurar saber quem se é e as razões pelas quais se procede de determinada forma em detrimento de outra correspondem a práticas reflexivas que conduzem à compreensão e crítica das práticas quotidianas.” (Margarido, 2011, p.105). Também a falta de objetivos está ligada ao sentido de não pertença, pudemos nascer, crescer e viver toda a vida no mesmo local, rodeado das mesmas pessoas, a fazer as mesmas coisas e caracterizarmo-nos como não pertencendo a lado nenhum. Mas esta noção de pertença reduz o “eu” a uma ou poucas pertenças, a Eugénia não é só os objetivos, nem é só o que faz, o que veste e o que come. Estamos a falar de identidade e pertença e como tal estamos a falar de Maalouf, que nos vai ajudar a construir os alicerces para todas estas afirmações, “ em todas as épocas, encontrou pessoas que o levaram a considerar que possuía uma só pertença maior, tão superior às outras em todas as circunstâncias que se poderia legitimamente chamar “identidade”...mas...nenhuma pertença prevalece de modo absoluto...se existir em qualquer momento, entre os elementos que constituem a identidade de alguém, uma certa hierarquia, esta não é imutável, muda com o tempo e modifica profundamente os comportamentos.” (Maalouf, 1999, p.21-22)

Pedi a Eugénia para me contar um dia inteiro da sua vida antes da guerra, mas acabei por considerar mais enriquecedor saber um dia inteiro no tempo escolar, e um dia inteiro quando já somente trabalhava. Foi aqui que entendi Josso (2012), quando explica o significado da sua obra “Caminhar para si”, diz-nos que a escolha “de um verbo sublinha que se trata, de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras

palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.“ (Josso, 2012, p.21), eu precisava reconstruir este itinerário o máximo possível, mesmo que isso me levasse pela caminho mais complexo.

Eugénia “ acordava de manhã, lá para as 5horas, varrer fora, ir no poço, carregar água, voltar, deixar. Fazia isso uma a duas vezes por dia, era água para beber, cozinhar, lavar. Demorava umas duas, três horas em cada viagem. Às vezes ia só uma vez por dia, carregava, deixava a água, carregava catana para cortar lenha, voltar para conseguir cozinhar. Fazia isto com 8, 9 anos. O sofrimento era demais, cresci mesmo, não com amor alegria, cresci mesmo triste mesmo. Saia com galão na cabeça, voltava com galão cheio, subir montanha, descer montanha, não usava nenhum transporte.

Quando sai da escola comecei a ir buscar bebida de cana à baixa para vender onde eu vivia. Nesses dias saia de casa às 5 da manhã e chegava às 17h. Depois ficava a vender na rua e quando acabava voltava a fazer essa viagem outra vez, mais ou menos de dois em dois dias.

Ninguém comia antes de ir trabalhar, só ao almoço. O dinheiro da venda da bebida era para comprar roupa para mim, sabão para lavar, caril (molho para juntar ao arroz ou chima).”

Assim, um dia na vida de Eugénia antes de deixar a escola, a partir dos sete anos até aos dez, era bem diferente de tantas crianças que conheço. Eugénia acordava todos os dias às cinco da manhã, varria o chão todo à volta da casa, com uma vassoura pequena feita de paus igualmente pequenos, ia ao poço buscar água com uma vasilha que carregava na cabeça, até completar a água necessária para beber, cozinhar, lavar e todas as coisas pelas quais a água era necessária em casa. Chegava a ir mais do que uma vez por dia, já que o seu tamanho não permitia carregar tanta água como um adulto, cada trajeto durava duas horas a pé, para ir carregar água e voltar. A seguir pegava numa catana que colocava ao ombro, bem mais pesada que ela, e ia cortar lenha para a avó conseguir cozinhar. Só depois caminhava até à escola. Não me esqueço de várias frases de Eugénia mas esta é especial: “o sofrimento era demais, cresci mesmo, não com amor, nem com alegria, cresci muito triste mesmo. Saía com um galão na cabeça, voltava com galão na cabeça, subia montanha, descia montanha, não usava nenhum transporte, só as pernas mesmo”.

As viagens que Eugénia fez fora de Cabo Delgado foram sempre para Nampula, por ser a cidade mais próxima, sempre para encontrar tratamentos para doenças de familiares, neste caso do avô e da tia: *“O meu avô decidiu vir aqui em Nampula, fiquei com ele, fiquei com ele, fiquei com ele, ele também, doença. Doença, doença, levámos para Cabo Delgado de novo, perdeu a vida. Eu continuei a ficar em Cabo Delgado com aquele sofrimento, mas esse meu avô que perdeu a vida, a filha disse é melhor vir para Cabo Delgado do que viver aqui essa vida. Então voltei aqui a Nampula. Fiquei com essa minha tia, fiquei com essa minha tia e minha tia também acaba apanhar doença. Cuidei dela, fui no hospital, no hospital e lhe levei para Cabo Delgado, na zona onde estavam os familiares, daí ela também acaba morrendo.”*

3.2.2 - Durante a Guerra

Eugénia descreve o dia em que começou a guerra em Cabo Delgado como um marco, um incidente crítico que merece destaque na sua memória com data, hora e local bem precisos:

“A guerra de Cabo Delgado começou em 2017, dia catorze de outubro, dia da paz. Nesse dia a guerra começou em cima da praia por volta das zero horas.”

Eugénia vivia com uma tia, alguns sobrinhos e a filha, que tem agora doze anos de idade, na altura tinha seis anos.

“Logo de manhã desse dia ouvi os tiros, assustámos e dissemos o que é que está acontecer e fugimos. Cada pessoa onde estava, levantámos, começámos a correr dum lado para o outro. Depois daí fugimos e entrámos no mato, cada pessoa entrou no mato, cada um para o seu lado e aí se dividiram todos. Dentro da mesma casa ninguém sabia onde é que seguia o outro. Onde seguia enfiava aí mesmo em qualquer sítio do mato. Eu fui com a minha filha e mais tarde encontrámos outras famílias.”

O primeiro sinal da guerra foram mesmo os tiros que assustaram toda a sua família e vizinhos, não deu tempo para se questionarem do que se estava a passar, simplesmente fugiram sem saber para onde, levantaram-se começaram a correr de um lado para o outro até entrarem no mato, na esperança de serem camuflados pelas grandes ervas. Toda a aldeia foi para o mato mas sem saberem uns dos outros, Eugénia agarrou na

filha e foi para um lado, a tia para outro, os sobrinhos para outros, cada um foi para o seu lado onde ficaram todos divididos.

Eugénia continuou a correr até não conseguir andar mais, até os pés ficarem a doer, sem comer nada e sem beber água, ela, a sua filha de seis anos e toda a aldeia que conseguiu escapar com vida aos ataques.

O que se passava no mato era um filme de terror, que Eugénia conta sem muita expressão facial, talvez pela incredulidade dos olhos dela terem visto o que a boca estava a contar:

“Aqueles entravam no mato, encontravam uma pessoa, cortavam o pescoço e começavam a cortar em pedaços e mais pedaços. Daí arrumavam esse pescoço, levavam, punham um pau alto, e assim deixavam a cabeça pendurada. Encontravam outra pessoa e faziam o mesmo, matavam de pedaço em pedaço, desmontavam, pegavam a cabeça, punham um pau e deixavam aí mesmo. “

Aqueles que Eugénia fala são os inimigos, aqueles que apareceram sem aviso, os homens da guerra. Ela diz que só a graça de Deus a ajudou a estar viva hoje, fugiram durante três dias, bebiam a água suja das poças que encontravam pelo caminho e comiam mandioca crua quando encontravam.

“A minha filha de seis anos, encontrava água suja bebia essa mesma água, não comia nada, foi Deus que ajudou a estarmos vivas hoje, vi muitas pessoas mortas, até esse dia nunca tínhamos ouvido falar nisto, ninguém sabia da guerra”.

Quando questionei Eugénia acerca da pessoa mais importante para ela nesta fuga, na minha busca pela pessoa crítica positiva do durante a guerra, a resposta veio no plural:

“Foram as pessoas, as pessoas que estavam a fugir na mata. Você cansou, a outra pessoa levantava-te e dizia, “vamos”. Fosse conhecida ou não a pessoa simplesmente te levantava. Ia no mato um sitio assim e dizia vamos lá descansar. Depois parava numa aldeia e descansava. Aí na aldeia as pessoas que lá moravam é que te davam comida, água. (Habitantes desconhecidos é que ajudavam.) As pessoas aqueciam água, cozinhavam comida para dar aqueles que estão a vir do mato. Dormíamos lá, e depois quando avisavam, estão a vir (os atacantes), saíamos para o mato e seguíamos para outra aldeia. Eles queimavam as casas todas, andavam de aldeia em aldeia a

destruir tudo e nós íamos fugindo na mata. Ficavam dois ou três dia, destruíam, iam para outra aldeia. Aconteceu assim.”

Foram as próprias vítimas que se ajudaram umas às outras no meio da fuga pela mata, as pessoas críticas positivas durante a guerra foram todos os que dela fugiam. As paragens mais prolongadas aconteciam nas aldeias vizinhas que ainda não tinham sido atacadas, paravam numa aldeia contavam o que se estava a passar aos habitantes, e essas pessoas acolhiam-nos nas suas casas. Estas palavras provam mais uma vez a não linearidade do social, a necessidade que o próprio sistema cria ao indivíduo de se reinventar em diferentes situações, que já vem duma educação social de interajuda, que naturalmente funcionou muito bem naquela situação crítica específica. Cristóvão Margarido explica isso mesmo, através de Ferreira, “*Ferreira (1981: 16) refere que a classificação do indivíduo, muitas vezes decorrente de um diagnóstico social, se torna perigosa e reducionista, pois a pessoa “[...] é parte de vários sistemas que o influenciam e sobre os quais, por sua vez, ele também exerce influência”*. As partes do sistema, ao interagirem entre si, ao criarem sinergias, desenvolvem uma capacidade auto-sustentável, não mecânica nem linear: “[...] os seres humanos [...] estimulam-se frequentemente uns aos outros para manter ou fortalecer relações, o que constrói laços dentro do grupo e o torna mais forte.” (2011, p. 56)

3.2.3 - Depois da guerra

Na última parte da história Eugénia conta onde está, o que está a fazer e os seus objetivos para o futuro. O objetivo, sem qualquer dúvida, é voltar para a casa destruída em Cabo Delgado, a casa onde nasceu, cresceu e foi obrigada a sair:

“Sim queria voltar a viver lá, porque é a minha casa. Aqui não há condições, vida da cidade, não tem condições. Lá temos machamba, aqui temos de ir ao mercado com dinheiro.”

É verdade que Eugénia está em Nampula de novo, desta vez não para encontrar a cura para a doença do avô, mas para se abrigar na paz que parece pairar sobre aquela cidade, pelo menos por agora. Porquê Nampula? Na viagem que fez com o avô, criaram amizade com um pastor numa igreja, ele e toda a sua família acolheram Eugénia, a sua filha, tias e sobrinhos. Entretanto Eugénia já se havia convertido na

igreja desse pastor, e nessa comunidade encontrou o amor, acolhimento e alimento de que necessitava para a sua vida. Como ela diz durante toda a sua história,

“...foi Deus que nos salvou da morte e o pastor Kamuendo foi Deus que pôs no nosso caminho.”

O pastor Kamuendo é sem dúvida a pessoa crítica positiva atual da vida de Eugénia, embora já o tivesse conhecido em outro tempo em que o seu modelo a seguir era o avô.

Mais uma vez é aqui demonstrado como a identidade é híbrida, Margarido (2011) explica-nos através de “Stuart Hall (2003) refere-se ao sujeito que emerge neste contexto como pósmoderno e híbrido “[...] não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2003a: 12-13 citado em Margarido, 2011, p.83)

Mas como qualquer família em Moçambique, por maior que seja a casa e a boa vontade, as famílias são sempre muito numerosas, por isso foram poucos os dias passados nessa casa. Para ajudar o maior número de refugiados possível, foram distribuídas casas num campo, sem água e sem luz, onde em cada espaço vivem mais de onze famílias juntas. Ou seja, os espaços encontrados para estas famílias não são casas, são áreas de um só compartimento, feito de paus e tapado com capim, com esteiras no chão para dormirem. A situação é pior do que a vivida em Cabo Delgado, segundo Eugénia, não há comida, não há água, não há roupa, não há sabão, e tudo o que tinham em Muidumbe.

A esperança de voltar a encontrar a vida que tinha levou Eugénia, em dezembro de 2022, a viajar até casa, para visitar a família que, entretanto, já tinha retornado a Cabo Delgado, as tias e os sobrinhos pois “para eles a casa é em casa, igual como para mim”.

“Desconseguiram aqui a vida da cidade, não tinham como comprar comida, roupa, nada. Então disseram que se era para morrer vamos morrer lá mesmo, em casa. Aqui conseguiram por causa de comprar comida. Lá vão capinar, vão à machamba, ainda conseguem alguma coisa, mesmo a correr.”

A vida é melhor onde nos sentimos melhor e não onde os outros se sentem mais confortáveis. Apesar de não terem nada, a família de Eugénia prefere viver sem condições, expor-se ao perigo, mas estar nas suas terras, nem que para ir buscar comida tenham de andar nas matas onde ainda andam os guerrilheiros.

“Lá temos machamba, aqui temos de ir ao mercado com dinheiro.”

Eugénia fez assim mais uma viagem, desta vez a viagem foi de transportes, a saída de Nampula foi às cinco da manhã e a chegada ao distrito foi às três da tarde. Conseguiu chegar a casa e encontrou a família, mas as casas estavam todas destruídas, caídas pelo chão, e o medo de serem apanhados e empalados na mata continua. Está tudo na mesma, menos as casas que já não existem.

“Desta vez fui de transportes, saí daqui às 5 am e cheguei às 15horas. Quando cheguei lá fiquei triste, a aldeia está destruída, as pessoas continuam escondidas. Desta vez não ouvi tiros, mas está tudo parado. Estão a sofrer.”

Eugénia ia com muita esperança de recuperar a sua vida em Cabo Delgado, de encontrar tudo como estava antes dos ataques dos terroristas, mas quando chegou viu que já não havia quase nada.

“Quando cheguei lá fiquei triste, a aldeia está destruída, as pessoas continuam escondidas. Desta vez não ouvi tiros, mas está tudo parado. Estão a sofrer, a sofrer mesmo”

Hall (2006, p. 13) explica-nos que “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até à morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". O autor acrescenta que a identidade plenamente unificada, é uma visão romantizada e monolítica, e que é lógico que os fatores externos influenciam na totalidade todos os eu's e como tal este eu sofrido de Eugénia. De facto, falar de identidade é falar nas vivências e nas experiências.

3.3- HISTÓRIA DE VIDA DE SACHA

Sacha é um homem de 51 anos, natural de Donetsk, uma cidade ucraniana. Nasceu no dia vinte e dois do mês três em 1972.

3.3.1- Antes da Guerra

A vinte e dois de março de 1972 nasceu Sacha e sua irmã gêmea com mais ou menos meia-hora de diferença. A mãe Nina, mulher já sofrida pela vida desde a infância, estava a trazer ao mundo dois filhos sem pai, por opção ou não, depende do ponto de vista, já que quando soube que estava grávida decidiu expulsar de casa o marido que a havia maltratado desde sempre.

Nina é uma das pessoas críticas positivas da vida de Sacha, uma pessoa chave para o homem que se considera hoje, segundo ele, digna de um monumento.

“She just married at 36 because her parents, mother and father. They were so strict and they would not allow her to date. At that time it was, yeah, it was very usual thing to do. But she became very, very sick with tuberculosis, and she had a very, very hard operation, on her lungs. Did the doctors cut her open and clear to clean all the lungs of that disease, but she made it.

And after that, she was afraid to dating anyone. But again, my grandfather insisted, and he found a good candidate for her. So when she was 36, she married to my father, but my father turned out to be a very bad person.”

A mãe de Sacha, era ainda bastante jovem sofreu de tuberculose, foi sujeita a uma cirurgia para limpar os pulmões, mas ela conseguiu sobreviver. Os pais da mãe, tornaram-se muito protetores, e arranjaram, o que pensavam ser, um bom candidato a marido e casaram-na. Mas o pai de Sacha mostrou ser um mau homem, um homem que gostava muito de ter várias mulheres, que bebia bastante e agredia-a. Ainda na gravidez, Nina encontrou o marido na sua cama com uma mulher e nunca mais o quis em casa nem na sua vida. Expulsou-o de casa. Sacha elogia a mãe por ter sido tão forte, a maioria das mulheres continuam com os maridos que as magoam de várias formas, o que é muito negativo para toda a família e em especial os filhos. Mas Nina, foi forte e inteligente o suficiente para ficar sozinha e dedicar toda a sua vida aos filhos, nunca mais teve outro homem.

“Many woman was in the same situation because they have afraid to be alone, because of the fact that they are afraid to be alone they have to live with the person that hurts them. Which is not good. It's not good for children. It's not good for her, it's bad, it's bad for the family, as a whole.

But she was strong enough and smart enough, to kick him out and she was strong enough and smart enough to stay alone, and she dedicated all her life to us. She never ever another man, she never ever dated anyone. She dedicated herself completely to bringing up, to her children, that is why I'm saying she is worthy of a monument.”

Quando questionado sobre o pior incidente crítico da sua infância, ou uma má experiência, Sacha responde como uma “não experiência”, a experiência de não ter pai.

“I can say the negative influence was my father, because he was absent. I never knew my father, and that is negative because if he was in my life, if he had any positive influence. I think I would be a better person, more stronger, the kind of person than I am trying to be for my son and for my children. Talk to them, be there, help them, buying things to them, to make them happy. When I grow up I remember myself to be very jealousy of other kids who have father... I remember other kids, I call them full families, they have fathers co-worked, they had much more many than we did, they had car, they would go to the seaside doing the summer, we never went to the seaside.”

A mãe de Sacha tinha três trabalhos para sustentar os filhos, nunca tiveram férias, não tinham televisão, não tinham telefone. Como crianças, ele e a irmã passavam os dias na rua, o que ele considera muito mais saudável do que as infâncias de hoje.

“They would go those like full families. I call them full families. They had fathers. All worked. They had more, much more money than we did and they had car and they would go to the seaside during the summer. We never went to the seaside.”

Mais ou menos aos sete, oito anos, Sacha começou a receber algum dinheiro, a mãe distribuía jornais em várias ruas de Donetsk então numa certa altura começou a “dar” algumas ruas ao Sacha para fazer o mesmo trabalho e receber o seu dinheiro.

Mesmo antes de falar da mãe, Sacha nomeou outra pessoa com grande influência na sua infância, uma influência positiva quando ele tinha oito ou nove anos de idade. Na escola que frequentava havia um clube, o “Clube dos pequenos turistas”, o coordenador ou professor desse clube era um homem notável, que fazia muitas viagens e trazia essas viagens até aos alunos. Não encontro melhores palavras para descrever este homem como as próprias palavras de Sacha:

“The most important person, like with the positive experience right, with the positive impact oh well, when I was young ok. In my school there was a young tourist club, a club for the for the young tourists and the leader of that club was a man.

He was very knowledgeable guy. He was a writer. He was a poet. He knew everybody and he would take us to the caucasian mountains. He would take us to caucasian mountains. He would take us to climb there, rocking, climb the rocks, you know using all these kind of equipment and it was so much fun.”

Encontrei neste professor a pessoa crítica positiva da vida de Sacha no tempo de infância escolar. Pedi a Sacha para me falar mais deste homem:

“I knew that person in the school, that club of tourists, he was ukrainian. Any town or city, any place he goes, he tell us stories about this place. He knew so much. Or at least, i remember him that way every time he would tell us stories after stories. About this history of this place, people of this place. It was so interesting to listen to him.

I love listening to the stories of knowledgeable people because from what I understand right now, your experience is only a part of the picture. But when you sit down and listen to the old, you hear their stories, their experience use enrich yourself, you enrich your experience so much. I love doing that so, he had a pretty positive influence on me in my childhood.”

Para Fernandes (2021,p.41), “ao longo do tempo, o processo de mediação tem demonstrado a valorização humana enquanto impulsionadora da mudança” , encontro neste professor um mediador que influenciou a vida de Sacha e o preparou para muitos mundos para ele até aí desconhecidos.

Mais tarde, Sacha graduou-se na Universidade como engenheiro eletrônico em 1994, começou a estudar na antiga união soviética e acabou a graduação já na Ucrânia. Como a União Soviética só terminou em 1991, ainda teve direito a estudar de forma gratuita, mas no terceiro ano da universidade, para estudar inglês já tinha de pagar.

“I decided to go to the university and i joined Technical University. I studied five years in Technical University and I graduated.

We study hi matt, mathematics are all the major that has to do with your future profession. Like our studying to be electrical engineer.

Yeah, and this is what university is doing for you. We didn't Bachelor or master degree back then because it was still when I graduated, there was still Soviet Union. We didn't have those names, it was still Soviet Union.

Was really fell apart. I graduated 1994. There was no Soviet Union, but because the Soviet Union collapsed 1991.”

Conseguiu pagar tudo o que necessitava para terminar o curso com a ajuda da mãe e através dos part-time, pois sempre trabalhou desde criança e nunca deixou de trabalhar. Esta educação gratuita era, segundo Sacha, uma farsa, pois até para conseguir uma graduação eram “pagos” muitos subornos. Pagava-se muita coisa sem ninguém saber para se conseguir terminar os estudos ter acesso a um bom médico entre outras coisas.

“Well, I worked and I studied like for example if I wanted to join like English courses but it was only the third year of the university had to pay for those courses and to get in like a part time.

I swept and mopped the floor in the entrances of the buildings. Residential buildings. I'm used to this kind of work because when I was in school, like I mentioned, that my mother would go, and you know, she was a post postman.

She would deliver evening paper and I would go and help her. And when I studied our route well enough, she said ok, now it's your area. This is your territory, and i'm gonna take another territory. I was like 7 years old, seven and eight, eight years old. And I would deliver evening mail, evening papers for long time.”

Sacha nunca trabalhou na área em que se graduou e como tinha um excelente inglês começou a ser convidado para ser tradutor. Vamos ver mais à frente que esta foi a profissão de Sacha até há bem pouco tempo.

“Well no, because back then in 1994, Former Soviet Union. I start translated during american christian missionaries come to Doneskt, and translated for their lectures. We had night lectures in the evening and they ask me to translate. I became Christian to.

Sacha passa por uma transformação identitária também aqui a nível de crenças, como já nos tinha dito Fernandes, “mediante a troca de experiências e de relações, que

mantém entre si e com o meio que o rodeia ... passa [também] por uma (re)construção identitária ao longo do tempo” (Fernandes, 2021, p. 55)

Com vinte e quatro anos deixou a casa da mãe para se casar, a sua irmã já havia casado há dois anos. Sacha intitula-se de duplamente refugiado, por isso vou ter aqui dois momentos de guerra, os dois maiores incidentes críticos negativos até hoje na sua vida e na vida da sua família.

3.3.2 - Durante a Guerra

Em 2014 deu-se a primeira invasão Russa à Ucrânia, exatamente em Donetsk onde Sacha vivia com a esposa e os quatro filhos, um rapaz mais novo e três meninas. Nessa mesma cidade estavam a disfrutar da casa que tinham construído com as próprias mãos, há apenas nove meses. Não que estivessem nessa casa só há nove meses, mas foi nesse tempo que ficou totalmente concluída. Sacha e a esposa tinham a casa com que sonharam desde o casamento.

“All the time of our marriage since i have four children are built for each of these child, I’ve built a separate room, separate bedroom. I built a children’s play room for them, a big kitchen, a big playroom, a garage for myself. Well, it was the house of our dreaming, and we just built it, we moved in and we lived there like for nine months for nine months, yes. And I said to my wife, we’ve got to leave”

Em abril de 2014 começou a invasão por parte da Rússia, através de uns falsos manifestantes ucranianos, que conseguiram assim atravessar as fronteiras. Quando o exército ucraniano percebeu que os manifestantes afinal eram Russos, tentaram expulsá-los do país e foi assim que começou a guerra.

“When the Russians came, there was no law in the news, the law was a man with a gun, he man with Kalashnikov. The law the very first week when the rosters entered, they robbed all the cash car shops in the city in the area, not just in the city itself in the area. I saw a lot of real new cars running, driving like crazy on the streets. They ignored traffic lights. They ignore traffic grows. There was no traffic like licence plate.

From the cars hiring like crazy, they rob they rob stores, they rob departments, they rob shops.”

Sacha transporta muito bem essa época na sua memória, quando os Russos chegaram a Donetsk destruíram mais de metade da cidade onde vivia, a lei que imperava era a arma na mão do homem, o homem com uma kalashnikov. Na primeira semana o inimigo assaltou e roubou todas as lojas, bombas de gasolina, carros, tanto da cidade como nos arredores. As regras ou leis de trânsito não eram respeitadas, as pessoas corriam e fugiam pelas ruas sem saber para onde.

Em abril, assim que começou a invasão Russa, Sacha quis fugir logo, para proteção de toda a família, mas a esposa não conseguia deixar a casa que tanto sonhara e lutara para conquistar. Mas tudo mudou em julho de 2014 quando não restou dúvidas a nenhum membro da família que era tempo de partir e deixar tudo para trás.

“this situation became gradually developing starting with March, April of 2014 and it would become harder and harder, more and more difficult. And when the war actually started in the beginning, they were just Russians. They disguise themselves as Ukrainian protesters, but they were Russians infiltrated from the border, and they pretended to be separatist Ukrainians, as if they're separatist ukrainians, but they were Russians. But when Ukrainian army got strong enough to try to kick those Russians out, this is when the actual war started, with shelling and arming and mortar fire, gunfire, tanks and everything else, so it became. Very, very bad, and I insisted to live but my wife didn't want live our house, our beautiful house. Was in 24th of July 2014 I was abducted and I spent 10 days in activity, in the cellar. And my wife didn't know where I was, where I was alive or not. And she did not know what it was like 10 days. Then the most horrible days in your life and in my life too.

If like before that we argued a lot, I would insist that we should go. We should go.

Sacha foi raptado e viveu os piores dias da vida dele fechado numa cela durante dez dias sem saber o que ia acontecer. Do outro lado começou o pesadelo da esposa, a pensar que Sacha havia sido apanhado pelos Russos, nessa altura já toda a gente sabia o que acontecia a um ucraniano apanhado pelos Russos, quase morte certa.

Sacha recorda que foi vendado e amarrado com plásticos, foi levado para uma cela com mais ou menos quinze metros quadrados, onde estavam dezoito pessoas. Viveu como um preso vive, a dormir num chão de cimento, frio e duro.

Sacha é um homem de fé, é cristão convicto, converteu-se ainda em Donetsk através de uns missionários americanos que faziam muitas obras de caridade. Numa das refeições que os militares levaram para a cela, Sacha perguntou se podia orar pelos alimentos, todos ficaram admirados, mas deixaram. Sacha tinha sido preso pelo governo da Ucrânia, por causa de um mal-entendido, a força de segurança pensava que Sacha era um informador Russo. Devido à sua maneira de “viver” na prisão, pois até pelos presos orava, começaram a suspeitar que afinal não era um Russo, mas até então Sacha não entendeu porque estava preso nem por quem.

“after they brought me to the military camp training camp, I was questioned, interrogated by their service, Security Service because they didn't know who I was, they thought I was a separatist because of that paper, because of the degradation, you know, this Security Service of Ukraine also came to question me. The problem was it was not regular or Ukraine, it was volunteer by talents and volunteer. They did not submit to the Ukrainian general. To Ukrainian president, they are rulers of themselves, you know. And the guys who are with me, they said, you are here for a month or two or whatever time but they may lose your documents, they may lose your passport like there were eighteen other people in my cell, cell is like 5 metres long and three metres wide. Yeah, there were 18 people there together with me and almost all of the people there with the lost documents, their passports and their ID's were lost, which means even if they, you know, find out that this person is innocent and he's ok. They cannot let this person out because his document is lost, and he would not be able to travel far. Well, anyway, my documents were not lost. One more miracle by God. My driving licence will not last like everybody else. And a pray to God to give me mercy in the eyes of these people prayed every day, I prayed every hour, and God gave me mercy in the eyes of those people. And I was allowed to call my wife. It was first time i was allowed to call my wife and I told her that I was alive.”

Depois de descobrir que Sacha estava vivo, através de um bilhete com um número de telefone escrito num pedaço de jornal, a mulher finalmente pode encontrá-lo.

Don't worry, i'm alive with ukrainians because she always, all these days, all this time she thought that all was in the hands of the separatists of the Russians. And it's the worst nightmare, they are the ones who kill. They're the ones who torture and you will be lucky if they would charge the ransom for you. Like, OK, we will let you out, you pay us like 20,000 dollars, \$50,000, \$100,000 and then we will release your husband

or we will release your son. They're like pirates, you know, and this is regular story. This is usual story. So when my wife found out that i'm on Ukrainian side, it was such a relief for her, she said oh please God, you're an Ukrainian side. The ukrainians got you , yes ukrainians got me. And I was able to write a little note, I didn't tell her during our phone conversation i was not allowed to tell her, where exactly I was? But I was able to send her a note through a person who was, you know, one person they released and wrote on a little piece of newspaper, the telephone number of my wife and where I was.”

O grande motivo para Sacha querer sair de Doneskt desde que os Russos invadiram a sua cidade, foi pela educação do filho, e depois do grande susto, a mulher teve de ceder deixar tudo para trás, a casa de sonho.

“ One of my greatest concern was because I was raised in the Soviet Union and one of the things that I hated everything that we were taught in schools in the kindergarten, in universities, there was lie after lie and a brain washing machine, and I was afraid i was concerned that my children will be as brainwashed as i was, or we all were in the Soviet Union and said I'm not gonna stay here.”

Todos estavam de acordo que tinham de sair de Donestk, não era seguro por várias razões. Decidiram ir para Kiev onde esperavam melhores oportunidades. E o incidente crítico negativo, a guerra, veio mudar a sua vida toda:

“Just like it was in Donetsk ,we moved in and after 9 months we had to leave in this situation. We bought a house and we finally.

Being somewhere else, we bought a house. We made this House very cosy, we've made this house something that we dreamt about and it's it was like, done. I mean, we finished, we renovating, finished repair. We made a very pretty terrace, and in a hot day or in hot evening, we can have like tea., at the terrace, and enjoy the evening together. I planted a lot of, flowers i discovered this talent in me, by the way, I discovered that alone, the flowers. It's not my wife who, you know, initiated that, it was me, my wife was not happy with me because i'd spent too much money on flowers. But I said, just wait. Just wait and you'll see. And after I planted those, the garden, and mine everything beautiful, and it started growing and this flower started blossoming. It was really, really, it became very, very beautiful. And she said, Ohh, Sasha, let's buy a table, a plastic table, Like the cafes have plastic tables and took a couple of chairs and

let's have tea outside, and we will enjoy the flowers. We will enjoy the smile and enjoy the team. See you didn't want me to spend so much money on this beauty, but now you love all this. That it's it was a good idea and we bought not. Just to this little chairs or plastic chairs and plastic table. We thought that was a good idea to make a terrace at the at the backyard. The house was our own place, we didn't rent it, it was our own, We bought it at 2019, 2018 and we gradually, because we didn't have all the money at one time, we gradually made repair from you know, room to room, and we finished it 2020, probably, yes, yes. We enjoyed the house two years or three years.

Almost three years we enjoyed that house and that is why it was very, very, very hard for my wife to live.”

Mais uma história, mais uma guerra, e a capacidade do homem se reinventar múltiplas vezes:

“In February, the wars, the full-scale war, started in February 24th, another time. And again, I was talking with my wife every day she would tell me that during the air attacks. Since we didn't have a shelter in our house, a bonker, but there was a school that my kids go to study they had, was not a banker, no, it was just a sour, and it was not renovated, it was not made for this exactly purpose. Because our authorities in the country in Ukraine, didn't do any preparations for the war, they thought it would never happen. That's why they didn't spend money for the shelters, for the bomb shelters, for the bunkers. A lot of bunkers, a lot of Soviet Union shelters were sold, like for the barber shop. There was a barber shop initiated in the bomb shelter, there was a catholic cafeteria, a restaurant in the shelter. There was a stomatology, like dentist too. All these facilities were sold out to the businesses. So the school was also not prepared to receive the people. And every night the Russians bombed, they bombed Kiev and they bombed the airway around here, because we had, like military air fields, where the military planes were like and there was one like 30 kilometres from us. So when they start chilling, we heard it very well the earth was shaking, and my wife and child was very, very scared.”

Esse tempo ainda foi mais dramático porque Sacha não estava junto da família, desta vez não porque foi preso, mas sim porque estava em trabalho a mais ou menos 700km de distância de Kiev:

“ I was not in Kiev, I was with journalists and I was in Donbas area. Yes, because I was with journalists with the rye journalists, with Italian television, like translator, in another part of the country, when my wife called me. I was the eastern part of the

country and of course, I was scared, because i knew that if Russians finally decided to attack and not just attack, but full scale with warplanes, with missiles with everything that it is serious, it's more serious that we were expecting. “

Sacha descreveu-me o dia da fuga da família, que não foi o mesmo dia que ele abandonou o país:

“The day I escaped from Kiev. I did not escape. I can describe you the day my family left here in the March of last year. In March of last year, it was very, very dramatic time. I was with journalists, at that time, I was not with my family and my wife doesn't drive, he doesn't have her car. She called me in the morning like about 4:00 in the morning, and she told me that the Russians are bombing here, and I said oh he finally made-up, he finally made-up his mind. A man to put him because we were all waiting or expecting. This will attack without attack, you know.”

3.3.3 - Depois da Guerra

A esposa de Sacha é realmente a pessoa com mais dificuldade em aceitar um novo país para viver. Para ela a sua casa é onde está a casa, neste caso em Kiev.

“My wife, just like I said, didn't burn the bridges she still wants to come back. But personally i have more than enough reasons not to come back, because first I don't know when the war will be over and i don't know the war is going to be over.

Ukraine is going to win the question, because it depends on the West. I mean it depends on America it depends on our western partners, if they give us enough weapon.

Ukrainian soldiers, Ukrainian people, have enough spirit to fight, but we don't have enough weapons, like or a long range, rockets, tanks, military jet, military, aircrafts, we don't have it .And we will not be able to win the war, so we are very much dependent. But America and other countries do not give us F16, they do not give us long range missiles, because there are too much afraid of Russia.I think it's better to stay here and not go back to Ukraine because I don't know how this war is, I don't know, because if they stopped the war right now and Russia will attack again after three 5-7 years, and my son have to fight like a soldier and I want safety for my son, i want good life for my son. And I don't know i don't have this information right now and this uncertainty kills me, I don't know what decision to make. I love my country. I love my people, I don't want to leave my home again. I really don't, but I'm not sure

how this war is going. I don't trust the government, i don't trust Zelensky and his my country is overwhelmed with corruption, the corruption is the second biggest enemy, together with Russia's enemies. When you see the Russian, you know it's an enemy, you have to kill him, because if you don't, he will kill you. But when you're fighting with corruption, it's very hard to recognise the enemy. And this one is the hardest enemy of Ukraine.

But I know my son misses his friends in Ukraine he also wants to come to Ukraine. He is not really good in making friends.

It's all about, you know, having fun. He cannot have fun with them. He cannot make jokes with them, he says. They don't understand my jokes and I don't understand their jokes. He cannot make friends with English teenagers is very hard to him. For other side I want a better life for my family. Is very hard my situation,”

Quando questionei o Sacha se o objetivo dele é voltar para a Ucrânia, vem uma resposta de quem trás na bagagem de vida duas fugas, duas casas perdidas e mais uma oportunidade:

“It's a very complicated question. My wife, she's not to burn the bridges. She's not ready. Time goes. See, I'm 51 years old, of course, I don't look 51 and my wife, is also 51, but in our age, we wants stability because you have to think about your pension. You have to think about, what are you going to do? To turn 65, and it's and this age is not that far. I never have, and I still don't have any pension savings. But I think, right now when I turn 51, I think it's not very wise on my part, because i need to set aside. I don't know how my children are going to be doing you know how well. Who is going to provide for me?

Got ever something for you? For your wife, for your daughter, for your daughter, for your son.”

“I think it's better to stay here and not go back to Ukraine because I don't know how this war is, I don't know, because if they stopped the war right now and Russia will attack again after three 5-7 years, and my son have to fight like a soldier and I want safety for my son, i want good life for my son. And I don't know i don't have this information right now and this uncertainty kills me, I don't know what decision to make.

I love my country. I love my people, I don't want to leave my home again. I really don't, but I'm not sure how this war is going. I don't trust the government, i don't trust Zelensky and his my country is overwhelmed with corruption, the corruption is the second biggest enemy, together with Russia's enemies. When you see the Russian, you know it's an enemy, you have to kill him, because if you don't, he will kill you”

Sacha teve grandes dificuldades em responder se gostava ou não de voltar para o seu país “de origem, por todas as vezes que diz “i think”, está a mostrar-nos que para as pessoas se “reconstruïrem” em virtude das consequências que a guerra trouxe para as suas vidas, têm de ter uma capacidade de mediação intrapessoal (Torremorell,2008).

Ao contrário de Eugénia, Sacha sentiu uma total abertura do país de acolhimento para uma boa integração, teve até bastantes dificuldades em apontar algo a melhorar nesse processo. Foi pelo pré conhecimento dessa facilidade e pela língua que ele decidiu refugiar-se na Inglaterra. Sacha diz-nos que a maior barreira para a maioria dos ucranianos deve ser mesmo a língua:

“The language, but not for me, not for us, because we have been speaking English for many, many years, but for others this is probably the main difficulty. You don't know the language, you won't be able to get a good job, only if it's low paid job. They gave us support financial, but they also trying to the integration, integrate you into the society, which is very, very good.”

Cada filho de Sacha está num país diferente, Sacha enviou os filhos para cada lugar que considerou seguro e onde tem grandes amigos.

“My daughter is 28, my adopted daughter, she's in Greece right now. My second daughter is 25, she's in Kiev with her boyfriend. My next daughter is in the United States because she is graduating. It's her graduation year.” E o filho de 12 anos que vive em U.K com os pais.

CONCLUSÃO

Este trabalho tornou-se mais intercultural do que esperava, ou seja, fiquei mais rica para sempre. Como eu já conhecia alguns refugiados da guerra de Cabo Delgado, devido á minha viagem a Nampula, exatamente para conhecer, estar e sentir um pouco todas aquelas pessoas, sabia que seria relativamente mais fácil construir essa parte empírica desta história. Tinha deixado lá vários conhecidos nomeadamente o Pastor Kamuendo, que me ajudou a chegar á fala com Eugénia. A grande incógnita era mesmo a parte do refugiado ucraniano, que apesar de estarem agora em massa por todo o mundo, consequência da atual guerra da Rússia contra a Ucrânia, eu não conhecia nenhum ucraniano. Tentei através de organizações humanitárias, de conhecimentos particulares e todas as portas se fecharam. No meio de tantos refugiados ucranianos que estão em Portugal ninguém me respondia. Foi no ginásio onde estou a estagiar (para técnica especialista de exercício físico), que apareceu a tal luz ao fundo do túnel, num local de passagem e de passagens, apareceu um cliente, jornalista australiano, que, apesar de falar muitas línguas, até as orientais, ainda estava a dar os primeiros passos no português. Foi assim mesmo em Inglês que conversámos e eu não perdi a oportunidade de lhe perguntar se na vida dele, cheia de viagens, tinha conhecido algum ucraniano que me pudesse ajudar. Eric, o jornalista, tinha estado na Ucrânia o ano passado a fazer uma reportagem, saiu-me a “sorte grande”. Nesse mesmo momento começou a mostrar-me fotos da Ucrânia destruída, que tinha no seu telemóvel e prometeu falar com um Ucraniano, que foi seu guia nessa viagem, segundo ele muito simpático e prestável, o Sacha.

As chamadas de vídeo que fiz com Eugénia e Sacha foram feitas em circunstâncias totalmente distintas. Foi difícil falar com Eugénia, devido a problemas de rede e problemas no telemóvel. Conseguimos falar, mas não como eu desejava, as chamadas iam abaixo, ouvia-se mal, mas consegui ter conversas importantes e interessantes que espero um dia vir a explorar muito mais e com melhores condições.

Em relação ao Sacha foi uma agradável surpresa, apesar do entrave da língua, pois nem eu falo ucraniano, nem o Sacha português, conseguimos até melhorar as nossas habilidades linguísticas, ainda que o Sacha tem um inglês muito melhor do que o meu, daí ter sido tradutor para tantos jornais internacionais como ele diz na entrevista.

Eu precisava de tempo, apesar de um ano de trabalho, só consegui encontrar o Sacha em julho, o que me limitou muito. O Sacha é um bom falante, ele gosta de conversar e no Reino Unido, na casa onde estava, tinha internet livre, claro a juntar ao facto de não estar a trabalhar deu-nos muitas e muitas horas de conversas. Já a Eugénia não entendia muita coisa, apesar de falar bem português notei dificuldades para me entender, mas sempre arranjàmos formas de nos encontrarmos entre a minha maneira de falar e a dela. Claro cada conversa demorava mais tempo, mas ela mostrou-se sempre feliz por me estar a contar a sua história, notava-se que gostava de me ouvir, mais até do que falar. E afinal já conhecia Eugénia, era uma das mulheres com quem tinha falado em Nampula no ano de 2020.

A mediação intercultural esteve sempre presente desde o primeiro momento do trabalho, o Pastor Kamuendo que apelou por mim para a Eugénia conversar comigo e o Eric que mediou toda a situação do meu encontro com o Sacha através de um email que enviou para os três. Quando tomei consciência do que se estava a passar, cheguei a comentar que foi preciso vir um jornalista australiano treinar ao meu ginásio para encontrar um ucraniano refugiado no Reino Unido e assim ter a possibilidade de fazer a investigação que me tinha proposto.

Decidi não traduzir nenhuma das entrevistas, não era correto da minha parte tirar aquilo que prometi dar, a voz! E foi através dessas vozes que consegui rever na Eugénia, no Sacha, na mulher do Sacha, no casal que recebeu o Sacha, a multiculturalidade, a interculturalidade e a monoculturalidade ou uma cultura monolítica.

Quando fui analisar todo o material de estudo que tinha recolhido foi impossível não rever em Sacha o indivíduo trânsfuga de que nos fala Vieira, talvez até o possa identificar como fazendo parte do modelo de “metamorfose extremista” que é o trânsfuga. Aquele indivíduo que recebe o novo, neste caso tudo o que recebeu em cada lugar por onde passou, mas não rejeita o velho, a sua cultura de partida. Incorpora no seu universo pessoal a aquisição cultural que dá uma nova dimensão à cultura de origem, mas que não a aniquila nem a substitui. “Antes sim, dá-lhe uma terceira dimensão, resultante da integração comparativa entre o nós e o ele (Corresponde ao terceiro instruído de Michel Serres, 1993). Todos nós acabamos por atravessar uma multiplicidade de culturas, códigos linguísticos, mais restritos, mais elaborados, mais

locais, mais universais, crenças, valores, saberes, etc., que das três uma: ou nos identificamos exteriormente apenas com uma dessas culturas - normalmente a detentora de mais capital; identificamo-nos com várias, somos multiculturais, sentimo-nos divididos, somos por vezes até hipócritas; ou conseguimos conscientemente ligar os vários quotidianos que atravessamos, as várias visões do mundo dos estratos sociais por onde navegamos, estabelecer pontes entre elas, sendo cidadãos reflexivos e trânsfugas sim, mas interculturais.” (Vieira, 1998)

É importante dizer que tive uma parte importante da entrevista que o gravador quis danificar. Mas a primeira casa de acolhimento de Sacha e a família no Reino Unido aconteceu por meio de um convênio que este país tem com a Ucrânia. Foi um casal de idosos que os recebeu e a situação não foi fácil para a esposa de Sacha. Este casal, apesar de voluntários, estipulou regras aos quais o casal e o filho não estavam habituados. Horários de refeições, que não se enquadravam com os horários escolares do filho, e restrições em termos de barulho. Relembro que Sacha me disse que o filho precisava tomar o pequeno almoço mais cedo, quando ia á cozinha os donos da casa ainda estavam deitados. Até o barulho de abrir o frigorifico os incomodava. Quero aproveitar para usar este exemplo para apelar a uma educação social mais inclusiva para todos (Vieira, A. 2016).

BIBLIOGRAFIA

- Amado, J. (2014). *A entrevista na investigação educacional. Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2.^aed). Imprensa da Universidade de Coimbra
- A.A. V.V. (2008). *Mediación Intercultural: una propuesta para la formación*. (4.^a ed.). Editorial Popular.
- Baptista, I., & Carvalho, A. D. (2021). *Educação Social-Fundamentos e estratégias*. (2nd ed.). Porto Editora.
- Bell, J. (2010). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. (5.^a ed.). Gradiva.
- Santos, B. (1997). Por uma concepção multicultural dos Direitos Humanos, in *Revista Critica de Ciências Sociais*
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_e
- Burgess, R. (2001[1984]). Métodos de pesquisa de terreno II: As entrevistas como conversas. In Burgess, R. (2001 [1984]). *A Pesquisa de Terreno, Uma Introdução* (111-133). Celta Editora.
- Capul, M. & Lemay, M. (2015). *Da educação à intervenção social*. (2.^a ed.). Porto Editora.
- Caria, T. (2003). *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. Afrontamento.
- Caria, T. (2003). A Construção Etnográfica do Conhecimento em Ciências Sociais: Reflexividade e Fronteiras, in CARIA, Telmo (2003) (org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Afrontamento, pp. 9-20
- Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social- Fundamentos e estratégias*. (1.^a ed.). Porto editora.
- Casa-Nova, M. J. (2009). A mediação intercultural e a construção de diálogos entre diferentes: notas soltas para reflexão, in Ana Maria Costa silva & Maria

- Alfredo Moreira (Orgs.) *Actas do Seminário Mediação Socioeducativa: contextos e Actores*, 61-68. Edição em CD ROM.
- Changeux, J.P. & Ricoeur, P. (2001). *o que nos faz pensar?* Edições 70.
- Chopart, J.N. (Org.). (2006). *Os Novos Desafios do Trabalho Social. Dinâmicas de um campo profissional*. (1.^a ed.). Porto Editora.
- Cohen, R. (1995). *Students resolving conflict: peer mediation in schools*. (2.^a ed.). Goodyear Books
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humana: teoria e prática*. (2.^a ed.). Almedina.
- Dias, M. O. (2008). *Manual de Sugestões Para Estudantes: Estudar e fazer Trabalhos académicos com método*. (1.^a ed.). Psicossoma.
- Escalona, A. (1995). *El estudio de las migraciones de refugiados: cuestiones teóricas y metodológicas*. (pp. 63-82). Universidad de Zaragoza: Geographicalia (1995),32.
- Fernandes, L. (2003). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica. *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. Ed. Afrontamento, pp. 23-40.
- Fonseca, M.L., Góis, P., Marques, J.C., & Peixoto, J. (2013). *Migrações na Europa e em Portugal*, in *Ensaio de Homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Edições Almedina.
- Geddes, A. (2013). Migração internacional no presente e futuro da União Europeia. *Cadernos Adenauer XIV*, nº1 (pp.47-61)
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. (6.^a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6.^a ed.). atlas
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (11a ed.). DP&A.

- Ortega y Gasset, J. (1960). *O homem e a gente* (J. C. Lisboa, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Livro Ibero-Americano. (Trabalho original publicado em 1957)
- Jares, X. R. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Profedições.
- Josso, M. C. (2002). *Experiências de vida e formação*. Educa R Formação.
- Kant, I. (2001). *Crítica da razão prática*. Edições 70.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. UFMG
- Lévi-Strauss, C. (2000). *Raça e história*. (6th ed.). Editorial Presença.
- Maalouf, A. (1999). *As identidades assassinas*. DIFEL 82-Difusão Editorial.
- Margarido, C. (2011). *Trajectórias Pessoais e Identidades profissionais de Assistentes sociais*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade Católica Portuguesa.
- Marques, J. C., Faria, S., Silva, P., Vieira, R. & Lopes, S. M. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., Margarido, C. (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (125-139). Edições Afrontamento.
- Martins, P. A. J. (2019). *Jovens e a construção de projetos de vida* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria]. IC-Online.
<http://hdl.handle.net/10400.8/4649>
- Matias, C., (2016). *Projetos de vida labirínticos: Uma opção de vida ou uma vida sem opção?* [Dissertação de Mestrado, Politécnico de Leiria]. IC-Online.
<http://hdl.handle.net/10400.8/1913>
- Potocky, M. (2002). *Best Practices for Social Work with Refugees and Immigrants*. New York: editions of Columbia University Press
- Martinelli, M. (1999). *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social, Pesquisa qualitativa - um instigante desafio*. Veras Editora, pp. 19-30.

- Martinelli, M. (org.) (1999), *Pesquisa qualitativa - um instigante desafio*. Veras Editora
- Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Morse, J. (2007 [1994]), Aspectos essenciais de metodologia de investigação qualitativa. FORMASAU
- Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida: teoria e prática* (2.^a). Celta
- Projeto Mediadores Municipais. (2010). *Relatório final de avaliação*
- Robertis, C. (2021). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*. (2nd ed.). Porto Editora.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais-Casos práticos*. Porto Editora.
- SERRES, M. (2001) Os cinco sentidos – Filosofia dos corpos misturados 1. Bertrand Brasil, 2001
- Silva, T. T. (2000). *Identidade e Diferença: A perspetiva dos Estudos Culturais*. (15th ed.) Vozes. https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf
- Sousa, M. A. A. (1998). *Fédon, Platão*. Porto Editora.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto Editora.
- Vieira, A. (2012). *Tensões sociais e conflitos na escola: da prevenção e da resolução*. A Página da Educação 2(197), 29-31.
- Vieira, A. M. (2016). *Educação Social e Mediação Sociocultural* (2nd ed.). Profedições.
- Vieira, A. M., & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Profedições

- Vieira, A.M.,Vieira,R.,&Marques,J.C.(orgs).(2021).*Temas e contextos de pedagogia-
educação social*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R.(2011).*Educação e Diversidade Cultural-Notas de Antropologia da
Educação*. Edições Afrontamento
- Vieira,R.(2011). *Ser Igual, Ser Diferente-Encruzilhadas da Identidade*. (3th ed.)
Profedições.
- Vieira,R.,Marques,J.C.,Silva,P.,Vieira,A.M.,Margarido,C.,Matos,R.,&Santos,R.(orgs).
(2022).*Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em tempo de COVID-
19*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R.,Marques,J.C.,Silva,P.,Vieira,A.M.,&Margarido,C.(orgs).(2019).*O Olhar de
Crianças e Jovens*. Edições Afrontamento.
- Vieira,R.,Marques,J.C.,Silva,P.,Vieira,A.M.,Margarido,C.,&Matos,R.(orgs).(2021).*Óc
io, Jogo e Brincadeira* .Edições Afrontamento.
- Vieira, R.,Marques,J.,Silva,P.,Vieira,A.,&Margarido,C.(orgs).(2006).*Pedagogias de
Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R.,Marques,J.,Silva,P.,Vieira,A.,&Margarido,C.(orgs).(2020).*Migrações,
Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações*. Edições
Afrontamento.

APÊNDICES

Entrevista- A

Nome- Eugénia

País- Cabo Delgado

Duração- 2 horas (3 chamadas de mais ou menos 40 minutos)

Videochamada- WhatsApp

Sr.Kamuendo (acolheu a Eugénia em Nampula) -K

- Eugénia é de Cabo Delgado, ela vive aqui, está aqui por causa destas coisas, conflitos que estão lá, mesmo há bocado ela tinha ido para Cabo Delgado, mas quando chega lá a situação não é boa e não conseguiu ficar lá. Então ela está aqui, ela há-de explicar melhor o que é que está acontecer lá, a família, mesmo a guerra as pessoas aqui já voltaram lá, algumas acabaram morrendo lá

Eu- Voltaram e morreram?

K- sim haviam pessoas que tinham dito assim “vocês não podem voltar que ainda é cedo, não podem regressar”, mas voltaram e algumas morreram. Mesmo agora estive a conversar com um irmão que está lá em Cabo Delgado, naquela zona lá, e eles dizem “pastor a situação não está boa”. Eles (os invasores) já têm uma estratégia, fica como calmo um período e vão atacar ali quando as pessoas pensam que está calmo, vão atacar ali, vão atacar lá. Então a coisa está muito complicada lá. Mas ela (D.Eugénia) vai-lhe conversar melhor.

Eu. Está bem, muito obrigada

K- Eu estou a contar isto por causa de alguns irmãos que estão lá e eu tenho acesso, ligo para eles, a situação continua difícil. Há lá uma irmã que tinha ido lá para começar o trabalho, para aquela empresa de petróleo mas não conseguiu e acabou regressando (a Nampula).

Eu- Mas as pessoas querem voltar para as suas casas não é?

K- Sim as pessoas querem voltar para as suas casas. Por exemplo aqui na Rex (Nampula), onde nós estamos algumas pessoas já tinham começado a construir casa,

mas como ouviram “ ah a coisa melhorou”, voltam para lá e acabaram morrendo, quer dizer, deixaram casas queimadas na terra deles e abandonaram casas aqui. A coisa é muito complicada. Mas está aqui a Ir. Eugénia que pode falar consigo.

Eu- está bem ,está bem.

Eu- Olá

Ir.Eugénia- Olá amada, como está?

Eu- Eu conheço-a, nós já nos vimos não já? (admiração)

Eg- Daquela vez que veio a amada né?

Eu- Acho que estava lá a Eugénia não estava?

Eg- Estava sim

Eg- Bem me parecia que estava a conhecer a cara

Eg.- sim com aquela minha irmãzinha e todos os familiares estava

Eu- quero desde já agradecer por estar disponível para falar comigo, porque desde que fui a Nampula, ficaram no meu coração, e eu comecei a fazer um mestrado, a estudar, exatamente para conseguir ajudar melhor pessoas na vossa situação, que vêm da guerra. Então estou a fazer um trabalho sobre isso, que quero apresentar, sobre o que vocês passaram e como é que estão agora. Agradeço desde já por estares disponível para falar comigo.

Eu estou a gravar com um gravador, mas se não quiseres que eu use o teu nome eu não uso, mas podes ficar descansada que isto é só para os estudos.

Eg- Estou a perceber.

Eu- Então eu vou fazer algumas perguntas mas o objetivo é que tu fales para entendermos bem o que fazias em Cabo Delgado antes da guerra, o objetivo do

trabalho é conhecer-te antes da guerra, durante a guerra e o depois da guerra, quando chegaste aí. Por isso é para conhecer um bocadinho a tua vida, está bem?

Eg-sim, sim, sim amada

Eu- A primeira pergunta que eu tenho aqui é, “ quais as pessoas que mais influenciaram a tua infância e juventude?”, não te preocupes que vou explicar a pergunta. Ou seja, nasceste em Cabo Delgado?

Eg- sou de Cabo Delgado sim, nasci lá

Eu- e moravas com quem?

Eg- Meus avó, com meus avó, minhas tia, minha mãe

Eu- olha quantos anos tens?

Eg- quarenta, tenho quarenta anos, em 1982, mês 7/7

Eu-Quando nasceste vivias com os teus pais?

Eg- Meus pai, eu não vivi com o meu pai, eu só vivi com a minha mãe, a minha mãe era cega, quem me criou é meu avô, a minha mãe só sabia me alimentar, quem dava banho é minha tia, até minha tia desconseguiu estudar por causa de me criar. Sempre ela ia na escola enquanto estava no colo dela, então os professor disse “ assim é melhor ficar em casa a criar essa criança, como a mãe está nessa situação já assim, pronto minha tia desconseguiu de estudar. A minha mãe ficou cega quando era menina mesmo, antes de mim nascer, depois de eu crescer o meu avó começou a me falar a dizer que a sua mãe é cega assim, porque isso aqui são drogas das familiar, foi drogada, então daí o pai dela levou para a Tanzânia para medicamentos.

Eg- Tu estiveste na escola até quantos anos?

Ir- Eu? Eu não estudei amada.

EG- Não chegaste a ir à escola?

Ir- sim, estudei pouco, por causa de viver com os velhos, já aqueles velhos não conseguiam nada, me matricular, comprar roupa, daí eu estudei pouco, primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, quinta que eu terminei.

Eg- Estudaste até à quinta?

Ir- sim

Eg- Tinhas quantos anos?

Ir-Tinha acho que dez anos assim.

Eg- Que pessoas te influenciaram nessa altura? Os teus avós e os teus tios?

Eg- Meus avós é que estavam a me criar, da parte de mãe.

Eu – Quantos anos tinham os teus avós?

Eg- Eram velhos mesmo

Eu- E eles ajudaram-te até teres quantos anos?

Eg- até chegar a ter catorze anos, depois daí o meu avô começou adoecendo, adoecendo, mas primeiro começou a minha mãe adoecer e depois fiquei só com os meus avós na idade de dez anos. Quando eu fiz trinta anos o meu avó já estava a perder a vida. Fiquei com as minhas tias.

A minha avó perdeu a vida primeiro e eu continuei ficar só com o meu avô. Só os dois. Depois perderam os dois a vida e eu continuei a ficar com a minha tia.

Eu- Com quem tinhas mais ligação?

Eg- Com meu avô

Eu- Que idade tinha a tua mãe quando morreu?

Eg- Faleceu em 1993, tinha 30 anos, e eu tinha 10 anos

Eu- quando saíste da escola o que é que tu fazias?

Eg- Naquela idade (10 anos), eu desisti da escola e comecei a fazer negócio, para eu, a dona mesmo é mim.

Eu- Qual era o negócio?

Eg- O negócio era, eu comprava aqueles bebida da cana, cana doce, então eu comprava, vendia, comprava, vendia, comprava, vendia, assim mesmo, depois comprava roupa para mim.

O meu avô decidiu vir aqui em Nampula, fiquei com ele, fiquei com ele, fiquei com ele, ele também, doença. Doença, doença, levámos para Cabo Delgado de novo, perdeu a vida.

Eu continuei a ficar em Cabo Delgado com aquele sofrimento, mas esse meu avô que perdeu a vida, a filha disse é melhor vir para Cabo Delgado do que viver aqui essa vida. Então voltei aqui a Nampula. Fiquei com essa minha tia, fiquei com essa minha tia e minha tia também acaba apanhar doença. Cuidei dela, fui no hospital, no hospital e lhe levei para Cabo Delgado, na zona onde estavam os familiares, daí ela também acaba morrendo.

Daí eu voltei, cheguei aqui em Nampula, comecei a viver. Depois daí converti aqui na igreja e estou com este papá e mamã Kamuendo.

Eu- Dos 10 anos aos 30 viveste sempre com o teu avô em Cabo Delgado, até ele morrer?

Eg- Sim vivi sempre com ele.

Eu- E eles tinham uma casa lá em Cabo Delgado?

Eg- Lá em Cabo Delgado tinha casa mas foi queimados.

Eu- Agora?

Eg- sim, sim

Eu- Mas desde os teus 10 anos aos 30 vivias lá?

Eg- Sim eu vivi lá

Eu-Como é que era a casa?

Eg- Era casa de matope, de pau pique, depois cobrir com capim.

Eu- Tinha quantos quartos?

Eg- Três, uma sala

Eu- Quantas pessoas viviam lá?

Eg- Vivias, bisneto, neto, mais de outras filhas dele, cerca de dez para cima.

Eu- Tu trabalhavas e ajudavas em casa ou trabalhavas só para ti?

Eg- Eu trabalhava disso que eu fazia negócio, ir na machamba, voltava, pegava aquele meu negócio, vendia. Só mais nada.

Eu- O que tu ganhavas era só para ti ou ajudavas lá em casa?

Eg- Sim, ganhava um troco e assim e alimentava lá em casa.

Eu- Qual foi a pessoa mais importante para ti até aos teus 30 anos?

Eg- Meu avô, era especial, era boa pessoa mesmo.

Eu- Queres dizer-me o nome dele?

Eg- O nome dele era Tomás Tiago

Eu – Qual foi a coisa mais difícil que passaste na tua infância?

Eg- Mais difícil que passou desde criança, que eu não gostei, por causa de não estudar. Não gostei.

Eu- Querias muito estudar?

Eg- Sim, não gostei. Comer eu comia, meu avô me dava de comer, mas que eu não gostei até agora que estou a falar com a amada, não estudar. Desconsegui por causa de não ter a pessoa para comprar aquilo, ir na escola. Eu na escola ia descalça, sem chinelo, levava só capulana, amarrava aqui em cima (no pescoço) e ir na escola.

Acabando eu desistir ir na escola. Não podia ir à escola assim, outras a pôr blusa, a pôr sapato e ir na escola, então eu acabando desistir ir na escola. Daí eu peguei começar a vender negócio.

É isso que eu não gostei, até hoje estou a ver a pessoa estudou, estão a trabalhar mas eu desconsegui por causa disso. E eu lembro muito bem, até a pessoa quando me pergunta eu falo de verdade “eu não estudei”.

Eu- Mas estudaste até ao quinto ano?

Eg- Sim estudei até à quinta, mas isso não é estudo, eu podia ter chegado até não sei, até final.

Eu- Qual era o estudo que gostavas de ter feito?

Eg- Podia se médica, era o sonho que estava a sonhar, mas não foi possível.

Eu- Porque é que queria ser médica?

Eg- Para ajudar as famílias.

Eu- Esse sonho veio de onde, conhecias algum médico?

Eg- só estava a pensar da minha maneira.

Eu- Os teus avós não podiam ajudar não é?

Eg- Não tinha nada, só capinava, milho, amendoim, vender, conseguir dinheiro, comprar sabão, isso só amada. Era difícil.

Eu- Diz-me a melhor coisa que te aconteceu na tua infância?

Eg- Foi isso, estudar.

Eu- O que compravas com o dinheiro do teu negócio?

Eg- Comida não comprava, saía da machamba, consegui comprar roupa, comprar sabão.

Eu- O que comias da machamba?

Eg- Milho, comia chima, matapa, de carne criava galinha, porco, o avô matava, comias.

Eu- Quantas refeições faziam por dia?

Eg- Duas vezes, de dia e à tardinha daí vamos dormir. Avó cozinhava para todos familiar, sentava um prato, e comíamos todos do mesmo prato. Primeiro ficavam as crianças, eram as primeiras pessoas a comer, os mais velhos sentavam atrás das crianças, daí começávamos a comer, acabou, lavávamos as mãos, sair e ir brincar.

Eu- Tens saudades de alguma coisa depois de saíres da escola?

Eg- Nada amada, era só uma pessoa, só sentar, brincando, daí dormindo. Sem objetivos de nada.

Eu- Antes de entrarmos no tempo da guerra descreve-me um dia completo em Cabo Delgado.

Ir- Acordava de manhã, lá para as 5 horas, varrer fora, ir no poço, carregar água, voltar, deixar. Fazia isso uma a duas vezes por dia, era água para beber, cozinhar, lavar. Demorava umas duas, três horas em cada viagem. Às vezes ía só uma vez por dia, carregava, deixava a água, carregava catana para cortar lenha, voltar para conseguir cozinhar. Fazia isto com 8, 9 anos. O sofrimento era demais, cresci mesmo, não com amor alegria, cresci mesmo triste mesmo. Saía com galão na cabeça, voltava com galão cheio, subir montanha, descer montanha, não usava nenhum transporte.

Quando saí da escola comecei a ir buscar bebida de cana á baixa para vender onde eu vivia. Nesses dias saía de casa às 5 da manhã e chegava às 17h. Depois ficava a vender na rua e quando acabava voltava a fazer essa viagem outra vez, mais ou menos de dois em dois dias.

Ninguém comia antes de ir trabalhar, só ao almoço. O dinheiro da venda da bebida era para comprar roupa para mim, sabão para lavar, caril (molho para juntar ao arroz ou chima).

Durante o Conflito

Eu- Quantos anos tinhas quando começou o conflito em Cabo Delgado?

Eg-A guerra de Cabo Delgado começou em 2017, foi dia 4 de outubro, dia da paz. Nesse dia a guerra começou em cima da praia lá para as zero horas. Nessa altura estava a viver com a minha tia, os meus avós já tinham perdido a vida. Vivia com a minha tia, os meus sobrinhos e a minha filha que agora tem 12 anos. Divorciámos, vivemos 5 anos juntos e ele foi embora.

Logo de manhã desse dia ouvi os tiros, assustámos e dissemos o que é que está acontecer e fugimos. Cada pessoa onde estava, levantámos, começámos a correr dum lado para o outro. Depois daí fugimos e entrámos no mato, cada pessoa entrou no mato, cada um para o seu lado e aí se dividiram todos. Dentro da mesma casa ninguém sabia onde é que seguia o outro. Onde seguia enfiava aí mesmo em qualquer sitio do mato. Eu fui com a minha filha e mais tarde encontrámos outras famílias. Depois aqueles, entravam no mato encontravam pessoa, cortavam o pescoço e começavam a cortar em pedaços e pedaços. Daí arrumavam esse pescoço, levavam, punham num pau, e assim deixavam. Encontravam outra pessoa e faziam o mesmo. Matavam, de pedaço em pedaço, desmontavam, pegavam cabeça punham um pau e deixavam aí mesmo. Fugi na mata até não conseguir andar mais, até os pés ficarem doer, sem comer nada, sem beber água, só andar mesmo, só pela graça de Deus. Isto durou dois, três dias, encontrava aquela água suja e bebia aquela água mesmo. A minha filha de 6 anos encontrava água suja bebia essa água suja, não comia nada. Se encontrava uma mandioca qualquer levava esse comer. Mas foi Deus que ajudou para estar viva no dia de hoje. Vi pessoas mortas. Antes deste dia nunca tínhamos ouvido falar disto, ninguém sabia dessa guerra.

Eu- A pessoa que mais ajudou na fuga?

Eg. – foram as pessoas, as pessoas que estavam a fugir na mata. Você cansou, a outra pessoa levantava-te e dizia, “ vamos”. Fosse conhecida ou não a pessoa simplesmente te levantava. Ia no mato um sitio assim e dizia vamos lá descansar.

Depois parava numa aldeia e descansava. Aí na aldeia as pessoas que lá moravam é que te davam comida, água.(Habitantes desconhecidos é que ajudavam.) As pessoas aqueciam água, cozinhavam comida para dar aqueles que estão a vir do mato. Dormíamos lá, e depois quando avisavam, estão a vir (os atacantes), saíamos para o mato e seguíamos para outra aldeia. Eles queimavam as casas todas, andavam de aldeia em aldeia a destruir tudo e nós íamos fugindo na mata. Ficavam dois ou três dia, destruía, iam para outra aldeia. Aconteceu assim.

Nós só fugíamos, ir aqui (aldeia), avisavam estão a vir (atacantes), fugir.

Eu- O que é que sentiu nessa altura?

Eg. Aquilo foi triste e ninguém percebia, essa guerra está a sair de onde, vai acabar onde, aquilo foi triste. Cada pessoa não sentia bem e até hoje não estamos a sentir bem. E já não tem nada lá, já não tem casas, e agora estamos a viver em casas com 10, 11, 12 familiares e não chega comida.

Eu- Tentaste voltar a casa? A Cabo Delgado?

Eg. Voltei, saí de Nampula para lá em Dezembro do ano passado, 2022.

Eu- Porque é que decidiste voltar?

Eg. Para ir ver a família que estão lá, mas desconsigui ficar lá, estão lá minhas tias com as crianças, porque para eles a casa é em casa, então voltaram.

Eu- Conseguiste chegar a casa?

Eg. Consegui chegar em casa, encontrei família, mas as casas já tinham caído todas, as pessoas estão a viver de qualquer maneira com capim, sem condições nenhuma.

Eu- Porque é que eles voltaram para Cabo Delgado? Distrito Muidumbe

Eg. Desconseguiram aqui a vida da cidade, não tinham como comprar comida, roupa, nada. Então disseram que se era para morrer vamos morrer lá mesmo, em casa. Aqui

desconseguiram por causa de comprar comida. Lá vão capinar, vão á machamba, ainda conseguem alguma coisa, mesmo a correr.

Desta vez fui de transportes, saí daqui às 5 am e cheguei ás 15horas. Quando cheguei lá fiquei triste, a aldeia está destruída, as pessoas continuam escondidas. Desta vez não ouvi tiros mas está tudo parado. Estão a sofrer.

Eu- Querias voltar a viver na tua aldeia? Porquê?

Eg- Sim queria voltar a viver lá, porque é a minha casa. Aqui não há condições, vida da cidade, não tem condições. Lá temos machamba, aqui temos de ir ao mercado com dinheiro.

Nome- Sacha

País- Reino Unido

Duração- 9 horas (3 chamadas de 3 horas cada uma)

Videochamada- WhatsApp

Eu- How are you?

Sacha-Doing good. And you?

Eu-Yes, very good. Thank you for helping me in that work. You are now in London?

Sacha-Well, right now I'm not in my house but not far away.

I just came from the dentist and I don't feel my legs because of anaesthesia.

Eu-Are you ok? because the call fall down. Where are you? You are in Kiev.

Sacha-In Kiev at the moment, yeah.

Eu-I thought you were in London.

Sacha-Yeah, yeah, I was there and I'm going today. I'm going back because I had to come back to Ukraine to sort out some things. My wife is there in UK.

Eu-What city? Because I have family there.

Sacha-Oh really? It's beautiful. Between Bristol and Bath. But we don't have any family there.

And I'm selling my business here, because it's dying, like a lot of things in Ukraine, everything is dying here. The shopping malls don't work. The bridges are blocked.

Eu- Where you are there are bombs now?

Sacha- This is the air alerts, because right now it's air siren. We never know when they going to bomb us.

Eu- you are afraid.

Sacha-We got used to it.

Yes, it's difficult and actually all of our society is traumatised to different extent, but it's all of us, like children, especially those who have seen, who have been here in the beginning because there were much, much, much more bombing here.

In all over Ukraine, we have a military airport like 30 kilometres from us.

Is an airport near our house. So we heard it all.

And in the beginning, in March of last year, since we didn't have any more shelters in our village. In Kiev the only shelter seller under the school. Our local school and it was not equipped. For people, it was like deserted. Nobody believed.

And nobody was prepared for the war, for the bombing, for the missiles. So, this bomb shelter was just dusty, dirty place with no seats. So, people had to sleep on the floor in March. In the cold. My family every night would go there, and sleep in basement, so of course they got cold, they got sick. All of them. My wife and my children.

Eu- How many sons do you have?

Sacha- My daughter is 28, my adopted daughter, she's in Greece right now. My second daughter is 25, she's in Kiev with her boyfriend. My next daughter is in the United States because she is graduating. It's her graduation year. And my son, he's 12. Well, actually all of them saw the war. All of them. They left my two daughter, they left in March of last year. They got on the train and went to Poland, to Germany from Germany to Paris, France. From Greece to UK and then she came back this summer. She came back to Greece because she's got her boyfriend there in Greece.

Eu-So now just you are in Kiev?

Sacha-Yes, yes, just me. Excuse me, I need to answer the phone, can I?

Eu-Ok, ok, yes.

Sacha- Excuse me about the connection right now. We don't have electricity and I have to depend of the mobile. We don't have electricity in the house right now.

Believe we don't have problems with that, but because of the war and the Russians, they were especially rejoice. Rejoicing in the winter time. And they said, ah, we're gonna freeze these ukrainians to death because they are not buying our gas, Our natural gas. So they were very, very glad that the winter came and they started bombing, because people die with the cold to.

But we have real winter with snow and ice and with everything else. Yeah, so but we survived. Yeah, this winter we have survived.

Eu-Yeah, explain just a few moments what I'm doing.

Yes, I'm doing the work for a master degree in university about interculturality, my work is about refugees.

What i want to do so I wanna do some questions but you can speak.

How much time do you have?

Sacha-Right now i don't have much time because people are waiting for me, I need to leave to the border right now.

Eu- Ok, you go today.

Sacha-Yes, I'm going today, yeah, well, there's always changing. I need to finish my business here and the border it's going to take me about 7 hours, to get to the border, and I don't know how much time, because at the border people usually wait for hours and hours to cross the border like 5 hours, 6 hours, 12 hours, i don't know so. Can we talk at the border while I'm waiting?

Eu- Ok, of course. What time?

Sacha-I'll text you because I don't know how much time I will actually be there.

Eu- Just because i work at two 2:00 p.m. Tomorrow you are in London.

Sacha-Tomorrow I'm gonna be in Poland and I haven't bought a plane ticket yet. Because I don't know how much time I gonna spend at the border.

Eu-Ok. When you came to London?

Sacha-I think Monday I will be there.

Eu-And Monday in London, you can speak with me?

Sacha-Yeah, yeah.

Eu-It's better for you.

Sacha-Yeah, it's much better, right?

Eu- ok.

Sacha- ok, we speak Monday.

Eu-Keep safe.

Sacha-Thank you so much.

Eu-And have a good day. Bye.

Segundo dia de entrevista:

Eu- How are you?

Sacha-Running in the park.

Eu- Oh you doing exercise.

Sacha- Yeah, trying to.

Eu-I came from the gym now, where I work to.

Sacha- Oh that's good. That's very good for you.

Well i do swim. I love swimming to.

Eu- And how are you?

Sacha- My son, is my son.

Eu-Hello!

Sacha- he is 12 years old.

Eu- He speak English?

Sacha-Well, uh, he's big enough for Britain. But since he's 12 and he's big. He's almost my science. I have very proud on him.

Eu- And your wife, how is she?

Sacha- She's good. She's about to quit. Yeah, she's doing good. She's working.

I have a dog here.

Eu- Yes, it comes from Ukraine? The dog.

Sacha-No, I don't think he's from Ukraine. He's from Britain. I'm in Britain. He's British dog. He doesn't understand Ukraine.

I don't have any pets in our house. My wife said, I know who is the one who's going to be doing all the cleaning. It's me. So no pets in the house.

Eu- I think she's totally correct. Very smart.

Sacha-Yeah, she is smart and I don't know what I would do without her. She is my life.

Eu- How much the temperature in England?

Sacha- I think it's 19 degrees or 18. It's pretty chilly.

Eu- We have 40 degrees now.

Sacha-Well, in Ukraine this last week we had absolute record of the temperature. It was on the sun. It was 60 degrees.

Eu-That's horrible.

Sacha-This coming week, they promised to have some rain the temperature will go down, but it's still hot in Ukraine. It's very hot right now.

Sacha-But in here, it's chilly. Cool weather cheese.

Eu- I need to do some questions that you can give me answers and talk about that. Because the work i'm doing, about your story, before, during and after the war. I want study life stories and correlate with the literature about identities.

I gonna read. But after I can explain, because was i that did the questions.

Who were the people that influence your childhood, positively and negatively, when you were young, who was the people that was more positive in your life or more negative?

Sacha-You mean positive attitude?

Eu- yes.

Sacha- Effect on my life, as a child or a teenager. I need time to think because I never thought about it.

Eu- Do you have mommy and daddy?

Sacha- Well, I don't have a father, so he doesn't have any influence on me. Only negative. Well, yeah, I can say the negative influence was my father, because he was absent. I don't know my father. I never knew my father. And that is negative. Because if he was in my life I could be a better person, think stronger, wiser. The kind of person i'm trying to be for my son and for my children, talk to them, be there help them, you know be present. Doing good things to them and buying them stuff, you know, to make them happy. None of that was in my life. And I remember myself to be very jealous of other kids who have father like for example me and my twin sister. We were born like half an hour difference. Like 30 minutes difference. And my mother was alone trying to raise, trying to bring us up all by herself and it. Was very, very hard and it was Soviet Union. No money. She had, to work like 2-3 jobs. Just to stay alive.

Eu- Sorry, you have more brothers or just one sister?

Sacha- One sister, I have one sister's twin sister, and I remember other kids. They would go those like full families. I call them full families. They had fathers. All worked. They had more, much more money than we did and they had car and they would go to the seaside during the summer. We never went to the seaside the first time I went there, it is only when something happened to my uncle, and he had a spare room in his car and decided to take us three of us. My mom, me and my twin sister. That's the only time.

Eu- You live only with your mom and sister.

Sacha- Only yes. My twin sister she got married when she was 20 or 21, 20 I think she was 20, so we lived together until she was 20, and then we gave her our apartment to live and we moved to my grandma's a little house. We didn't have TV set, we didn't have television, we didn't have telephone, nothing like that. Yeah, and I was put in jealous of other kids who had all of this and vacation time, seaside time.

The most negative experience, which is no experience ahead. That is no father experience that is the most negative in my life. Yes, I would say that.

Eu-And the most important people in your life when you are young?

Sacha- The most important person, like with the positive experience right, with the positive impact oh well, when I was young ok. In my school there was a young tourist club, a club for the for the young tourists and the leader of that club was a man.

He was very knowledgeable guy. He was a writer. He was a poet. He knew everybody and he would take us to the caucasian mountains. He would take us to caucasian mountains. He would take us to climb there, rocking, climb the rocks, you know using all these kind of equipment and it was so much fun.

In that time i was about eight or nine, when I started doing that.

Eu- Do you was a good student?

Sacha- Oh not really. I was a boy, and well the boys, they kind of leave.

They wanna play? Of course. We played outside all day long with my friends from our street. We would fight with the guy with the boys from the neighbouring if we don't fight we would ride.

So we were outside. We never knew what's a mobile phone is. It was pretty healthy child, but I would say.

Eu- Can we back to the club of little tourists please?

Sacha- Yes, we knew that person in the school, that club of tourists, he was ukrainian. Any town or city, any place he goes, he tell us stories about this place. He knew so much. Or at least, i remember him that way every time he would tell us stories after stories. About this history of this place, people of this place. It was so interesting to listen to him.

I love listening to the stories of knowledgeable people because from what I understand right now, your experience is only a part of the picture. But when you sit down and listen to the old, you hear their stories, their experience use enrich yourself, you enrich your experience so much. I love doing that so, he had a pretty positive influence on me in my childhood. Yes, yes, definitely.

Well, and my mother, yes, she was very good, mother, and if I had money I would raise a monument.

Eu- Where is your mother?

Sacha- She's in Kiev, american's call it old folks house or pension. A home for the older people, she's there.

She almost does cannot take care of herself and that is why I had to take her there when I was in Kiev. I would visit her at least once or twice a week.

Now, my daughter visits her, once in a while she visits. She has very, very bad memory. Right now she forgets names, it's not the sickness, it's called old age.

Eu- How old is she?

Sacha- She was born in 1936, so she's going to be 87 this year.

Eu-The year of my grandmother to, my grandmother is in home for older people too, because my grandfather die this year, and she couldn't be alone to.

Sacha- She just married at 36 because her parents, mother and father. They were so strict and they would not allow her to date. At that time it was, yeah, it was very usual thing to do. But she became very, very sick with tuberculosis, and she had a very, very hard operation, on her lungs. Did the doctors cut her open and clear to clean all the lungs of that disease, but she made it.

And after that, she was afraid to dating anyone. But again, my grandfather insisted, and he found a good candidate for her. So when she was 36, she married to my father, but my father turned out to be a very bad person.

Eu- But you knew your father or not?

Sacha-No, no, this is what my mother told me he liked other women, a lot. He liked to drink alcohol.

So just before we were born and she was pregnant, by that time, she said no more, when she caught him having fun with the another lady in their bedroom.

She kicked him out. I'm done. No more. Get out.

Eu- Your mother was a strong woman.

Sacha- Yeah, she was strong in the sense she had to be strong.

Many woman was in the same situation because they have afraid to be alone, because of the fact that they are afraid to be alone they have to live with the person that hurts them. Which is not good. It's not good for children. It's not good for her, it's bad, it's bad for the family, as a whole.

But she was strong enough and smart enough, to kick him out and she was strong enough and smart enough to stay alone, and she dedicated all her life to us. She never ever another man, she never ever dated anyone. She dedicated herself completely to bringing up, to her children.

That is why I'm saying she is worthy of a monument and i'm taking care of her right now, i'm sending her money, i'm paying her. I tried my best.

Eu-Tell me one thing. You study until what degree? I don't know how is in Ukraine the classes.

Sacha- you go to school when you are six or seven-year one, then you have 10 grades after the school you have an option to go to college or like technical College floor to get a professor, or you go to the university to get your higher degree. So I decided to go to the university and i joined Technical University. I studied five years in Technical University and I graduated.

We study hi matt, mathematics are all the major that has to do with your future profession. Like our studying to be electrical engineer.

Yeah, and this is what university is doing for you. We didn't Bachelor or master degree back then because it was still when I graduated, there was still Soviet Union. We didn't have those names, it was still Soviet Union.

Was really fell apart. I graduated 1994. There was no Soviet Union, but because the Soviet Union collapsed 1991.

Eu- Tell me something. How you can pay your classes?

Sacha-Well, it was for free. Just like I said, it still was a kind of Soviet Union era.

Right now, of course, it costs money, but back then it was for free education in Soviet Union was free, but not really, you know it's like medical care was like it was for free officially, but if you want to, if you want doctors to take good care of you, you had to pay the bribes, they didn't call it bribe. It called gratitude. So it was like gratitude.

Eu- you work and you study or your mother work, you study?

Sacha- Well, I worked and I studied like for example if I wanted to join like English courses but it was only the third year of the university had to pay for those courses and to get in like a part time.

I swept and mopped the floor in the entrances of the buildings. Residential buildings. I'm used to this kind of work because when I was in school, like I mentioned, that my mother would go, and you know, she was a post postman.

She would deliver evening paper and I would go and help her. And when I studied our route well enough, she said ok, now it's your area. This is your territory, and i'm gonna take another territory. I was like 7 years old, seven and eight, eight years old. And I would deliver evening mail, evening papers for long time.

Eu- How much old you was when you leave the house of your mother?

Sacha- Ah, when I got married. I got married, I was 24. Yes, I was 24.

And yeah, I thank God that.

Eu- You married after your sister one here?

Sacha- She got married when she was 21, I think no, or 22 I don't remember for sure. Yeah. Couple of years after me.

Eu-And after university you get to work in your area.

Sacha-Well no, because back then in 1994, Former Soviet Union.

I start translated during american christian missionaries come to Doneskt, and translated for their lectures. We had night lectures in the evening and they ask me to translate. I became Christian to.

Russian killed and tortured a lot of bloggers, one of my friends, a lot of believers, destroyed churches to.

Eu- How was to leave Doneskt?

Sacha- All the time of our marriage since i have four children are built for each of these child, i've built a separate room, separate bedroom. I built a children's play room for them, a big kitchen, a big playroom, a garage for myself. Well, it was the house of our driming, and we just built it, we moved in and we lived there like for nine months for nine months, yes. And I said to my wife, we've got to leave.

Eu- Why you decided to live your life in Donestk?

Sacha-One of my greatest concern was because I was raised in the Soviet Union and one of the things that I hated everything that we were taught in schools in the kindergarten, in universities, there was lie after lie and a brain washing machine, and I

was afraid i was concerned that my children will be as brainwashed as i was, or we all were in the Soviet Union and said I'm not gonna stay here.

When the Russians came, there was no law in the news, the law was a man with a gun, he man with Kalashnikov. The law the very first week when the rosters entered, they robbed all the cash car shops in the city in the area, not just in the city itself in the area. I saw a lot of real new cars running, driving like crazy on the streets. They ignored traffic lights. They ignore traffic grows. There was no traffic like licence plate. From the cars hiring like crazy, they rob they rob stores, they rob departments, they rob shops.

Eu- How much time you and your family live in this situation?

Sacha- Ok, this situation became gradually developing starting with March, April of 2014 and it would become harder and harder, more and more difficult. And when the war actually started in the beginning, they were just Russians. They disguise themselves as Ukrainian protesters, but they were Russians infiltrated from the border, and they pretended to be separatist Ukrainians, as if they're separatist ukrainians, but they were Russians.

But when Ukrainian army got strong enough to try to kick those Russians out, this is when the actual war started, with shelling and arming and mortar fire, gunfire, tanks and everything else, so it became. Very, very bad, and I insisted to live but my wife didn't want live our house, our beautiful house.

Was in 24th of July 2014 I was abducted and I spent 10 days in activity,in the cellar. And my wife didn't know where I was, where I was alive or not. And she did not know what it was like 10 days. Then the most horrible days in your life and in my life too.

If like before that we argued a lot, I would insist that we should go. We should go.

Eu- What's your wife job?

Sacha- She worked. She worked as a translator to.

Once I was going through the checkpoint, I was going from the separate checkpoint to Ukrainian checkpoint, and I was in the middle of the argument about lady, so the argument was missing. She was speaking stubborn anyway.

I forgot that, i was supposed to show my passport ukrainian I forgot. And when Passports Ukrainian soldiers, they said this piece of paper.

One days the nervous nights. Were really in trouble.

Because, see, they didn't torture me, but they the soldiers were very hard on those on those guys other colleagues mine.

I didn't know why they were not hard on me but they were very hard on those guys.

And just to confront them, i read them from themselves pray to them, I read songs and whether one transported from.

The frontline where we were, kept in the train to the military camp.

They had this Mitsubishi L200 car with the trunk with big trunk, they had three people they with the plastic bags with, the halves on their hands in the tank, but they put me inside of the car on the car seat, and instead of plastic cuffs i had metal cuffs and it's much comfortable, and they give me candies.

You wanted a candy? I said yes. Oh man, there were stories after stories that I can tell you, that was hand God's.

OK, after they brought me to the military camp training camp, I was questioned, interrogated by their service, Security Service because they didn't know who I was, they thought I was a separatist because of that paper, because of the degradation, you know, this Security Service of Ukraine also came to question me.

The problem was it was not regular or Ukraine, it was volunteer by talents and volunteer. They did not submit to the Ukrainian general. To Ukrainian president, they are rulers of themselves, you know. And the guys who are with me, they said, you are here for a month or two or whatever time but they may lose your documents, they may lose your passport like there were eighteen other people in my cell, cell is like 5 metres long and three metres wide. Yeah, there were 18 people there together with me and almost all of the people there with the lost documents, their passports and their ID's were lost, which means even if they, you know, find out that this person is innocent and he's ok. They cannot let this person out because his document is lost, and he would not be able to travel far. Well, anyway, my documents were not lost. One more miracle by God. My driving licence will not last like everybody else. And a pray to God to give me mercy in the eyes of these people prayed every day,

I prayed every hour, and God gave me mercy in the eyes of those people.

And I was allowed to call my wife. It was first time i was allowed to call my wife and I told her that I was alive.

Don't worry, i'm alive with ukrainians because she always, all these days, all this time she thought that all was in the hands of the separatists of the Russians. And it's the

worst nightmare, they are the ones who kill. They're the ones who torture and you will be lucky if they would charge the ransom for you. Like, OK, we will let you out, you pay us like 20,000 dollars, \$50,000, \$100,000 and then we will release your husband or we will release your son.

They're like pirates, you know, and this is regular story. This is usual story.

So when my wife found out that i'm on Ukrainian side, it was such a relief for her, she said oh please God, you're an Ukrainian side. The ukrainians got you , yes ukrainians got me. And I was able to write a little note, I didn't tell her during our phone conversation i was not allowed to tell her, where exactly I was? But I was able to send her a note through a person who was, you know, one person they released and wrote on a little piece of newspaper, the telephone number of my wife and where I was so she spread a word through the pastors that I knew, through the volunteers who her knew me through the journalist, and they started looking for me, they started looking for the commander that was in charge of that particular unit, and they made so much noise that the commander called this security guy, called his soldier said ok, this guy release, get rid of him, just release him, cause him because of him. There's so much noise. There's so much noise because of him. So he comes to me this Security Service person he comes to me Alexander (Sacha's name to). I said what? You're so much noise. You're so much trouble, we release you. And it was on my middle daughter's birthday, It was only day on the 6th of August 2014 it was yes, yes, it it was.

They even gave me some money, you know. Yes. This is the money for your travel, they gave me shorts, never gone forget, they gave me T-shirt, because we were all dirty we slept on the concrete floor we were so much dirty there.

So they gave us extra call.

Eu- You saw someone being tortured?

Sacha- Well, I didn't see, but I heard. It wasn't the torture, actually, but they tried to put a guy on fire. There was a guy who was in our cell, and he was a communist, and you know those the try to intimidate him just to have him talking. And their claim on fire!

Eu- can I call you tomorrow?

Sacha- yes, 3:00 PM.

Eu- Describe for me the day of the scape. What else marked you? What was more mark for you?

Sacha- The day I escaped from Kiev. I did not escape. I can describe you the day my family left here in the March of last year. In March of last year, it was very, very dramatic time. I was with journalists, at that time, I was not with my family and my wife doesn't drive, he doesn't have her car.

She called me in the morning like about 4:00 in the morning, and she told me that the Russians are bombing here, and I said oh he finally made-up, he finally made-up his mind. A man to put him because we were all waiting or expecting. This will attack without attack, you know.

Eu- You were not in Kiev when your wife called you?

Sacha- I was not in Kiev, I was with journalists and I was in Donbas area. Yes, because I was with journalists with the rye journalists, with Italian television, like translator, in another part of the country, when my wife called me. I was the eastern part of the country and of course, I was scared, because i knew that if Russians finally decided to attack and not just attack, but full scale with warplanes, with missiles with everything that it is serious, it's more serious that we were expecting.

Eu- And what you say to your wife?

Sacha- I said that you need to consider, to leave the country, and she started singing the same song, of the other time.

Just like it was in Donetsk ,we moved in and after 9 months we had to leave in this situation. We bought a house and we finally.

Being somewhere else, we bought a house. We made this House very cosy.

Outro dia

Sacha-All give a lot of charity.

Cause yeah. And we couldn't take nothing of Ukraine.

We have now.

Eu-Everything stay there?

Sacha-Yeah, almost everything. We could take some clothing, but we cannot take, furniture we cannot take like TV or.

Eu-You, you, you go to England by plane?

Sacha-Yeah, we have to have only a carry on, it's a little sweet, because you have to pay, for the next bigger suitcase you have to pay extra money.

This is why i have to travel very late.

Eu- Do you have a Chrisman´s shirt?

Sacha-Got it in Ukrainian warehouse because a lot of people bring clothing like anything, everything they bring, and dishes, furniture.

Eu- Do you have your house, or you you rent, or what you do?

Sacha- Where in Ukraine? I own a house, yeah. I was able to buy a house after five years in Kiev, yeah.

Eu- and now you have the house there?

Sacha- I have a house there.yes I have a house.

Eu- You and your family won't go to Ukraine again, hawt do you think about that?

Sacha- It's a very complicated question. My wife, she's not to burn the bridges. She's not ready. Time goes.

See, I'm 51 years old, of course, I don't look 51 and my wife, is also 51, but in our age, we wants stability because you have to think about your pension.

You have to think about, what are you going to do? To turn 65, and it's and this age is not that far. I never have, and I still don't have any pension savings.

But I think, right now when I turn 51, I think it's not very wise on my part, because i need to set aside. I don't know how my children are going to be doing you know how well. Who is going to provide for me?

Got ever something for you? For your wife, for your daughter, for your daughter, for your son.

Eu- Describe me a day in your life before the warn? What do you do before, to leave?

Sacha- I usually wake up, around 7.30, have breakfast and then I grabbed my phone because I had my own company of transportation. I worked in this cargo business in Kiev before the war, and it went pretty well.

We do a lot of cargo transportation, construction materials, house moving all kinds of delivery.

Eu- just in Ukraine or international?

Sacha- In Ukraine, in Ukraine, I just recently got international licence like a year ago, less than a year ago, internationalised. But right now international cargo transportation is not really a good idea.

So, I would wake up at home, look in the phone for the orders, for me and for my drivers, because I also drive and I have some drivers for other cars because I had one car and I was able to buy another one, and another one, and another one so. A couple years ago before the war started, i was thinking seriously about this business, that it would be growing, and I would be able to provide for my family.

But anyway, I'm selling it, I'm selling it now because it's dying, like everything in Ukraine.

When we have the company home, we work every, every hours of the day and night and it's too much responsibility yes, because this is my own company.

I also work and also drive the vehicle, i would take orders if there is work. I'll do it, if there is no work, i'm just waiting for the orders to come, and i'm looking the groups, we have several groups, like telegram group, a lot of people get together in one group, they share orders, they share jobs, yeah, and I have several groups like that, and when I receive the groups, and whatever says ok first he got the job. So you've got to be on the phone all the time, because you never stop it.

Eu-Do you work all year?

Uh, well, it depends on the season, like in the winter, in the winter time, there's less job than usually less orders, but in the summer time when people are doing construction or when people are doing moving, there is much more job in the summertime.

Eu- You have to support financial your son of 12 or your daughters too?

Sacha-Since I have four children, some of the the children are big enough to to support themselves. But I have to support my mom, i have to support my daughter, she's in the states right now. But before she went to the states, I also had to support her, and I also send money to the oldest daughters when they need.

And when the the jobs are over like in the evening, there are less orders coming, you know in the groups, so I come home, I decided, ok, it's over, it's all for today and then i go home. Sometimes I go home like at 5pm, sometimes I go home at 7:00pm, or 8 or 9 and sometimes if I have a job I can come at 11, after 12.

Eu- And your wife? Your wife job was always at home, online?

Sacha- Not always, there was a time when, like before covid, she would have to go to the office. When the covid started, they said ok you stay home. You work from home.

Eu- Before the war, you consider that you was the media class or not?

Sacha- Well, no, i wouldn't that, well I would say that our budget would be, a little lower than, we were not poor but it was a little lower than average salary.

Little lower than middle class because, the usually people that had your wone business are more richer, but you know, I just started my business, so just every four years.

I started my business in the year of 2020.

Eu- What was your main goal in life before the war? Do you have a goal?

Sacha- I don't know, maybe it's.

What was your objective or what was your desire?

Sacha- To be respected in society, in my community, in my family, I want my children respect me, i want my church to respect me, i want to be helpful for my church. Because you know, in a human society you have to earn your respect, by doing good things. So I want to be doing good things because you cannot just wanting, i want to be helpful, in community in my family, I want to be helpful in the church, to do as much good to people as possible, to the best of my abilities. I want to be respected among church and also among not believers, just regular people, my neighbours, my coworkers.

Eu- But you are respected now?

Sacha- I'm going in that direction, I have to be also respected in my own eyes, I mean to feel good about myself.

This is why I'm not. I'm not happy with myself right now because right now I am in a position of a beggar. A beggar is the poor person who has to beg for something, ask people, a beggar or a receiver.

In Bible is this is written, more blessed to give than to receive. And i'm like that. Before war I felt much better about myself than I feel because I was not an imposition of a beggar. I was a giving person much more giving person

Eu- Describe for me the day of the scape. What else marked you? What was more mark for you?

Sacha- The day I escaped from Kiev. I did not escape. I can describe you the day my family left here in the March of last year. In March of last year, it was very, very dramatic time. I was with journalists, at that time, I was not with my family and my wife doesn't drive, he doesn't have her car.

She called me in the morning like about 4:00 in the morning, and she told me that the Russians are bombing here, and I said oh he finally made-up, he finally made-up his mind. A man to put him because we were all waiting or expecting. This will attack without attack, you know.

Eu- You were not in Kiev when your wife called you?

Sacha- I was not in Kiev, I was with journalists and I was in Donbas area. Yes, because I was with journalists with the rye journalists, with Italian television, like translator, in another part of the country, when my wife called me. I was the eastern part of the country and of course, I was scared, because i knew that if Russians finally decided to attack and not just attack, but full scale with warplanes, with missiles with everything that it is serious, it's more serious that we were expecting.

Eu- And what you say to your wife?

Sacha- I said that you need to consider, to leave the country, and she started singing the same song, of the other time.

Just like it was in Donestk ,we moved in and after 9 months we had to leave in this situation. We bought a house and we finally.

Being somewhere else, we bought a house. We made this House very cosy, we've made this house something that we dreamt about and it's it was like, done. I mean, we finished, we renovating, finished repair. We made a very pretty terrace, and in a hot day or in hot evening, we can have like tea., at the terrace, and enjoy the evening together. I planted a lot of, flowers i discovered this talent in me, by the way, I discovered that alone, the flowers. It's not my wife who, you know, initiated that, it was me, my wife was not happy with me because i'd spent too much money on flowers. But I said, just wait. Just wait and you'll see. And after I planted those, the garden, and mine everything beautiful, and it started growing and this flower started blossoming. It was really, really, it became very, very beautiful. And she said, Ohh, Sasha, let's buy a table, a plastic table, Like the cafes have plastic tables and took a couple of chairs and let's have tea outside, and we will enjoy the flowers. We will enjoy the smile and enjoy the team. See you didn't want me to spend so much money on this beauty, but now you love all this. That it's it was a good idea and we bought not.

Just to this little chairs or plastic chairs and plastic table. We thought that was a good idea to make a terrace at the at the backyard.

The house was our own place, we didn't rent it, it was our own.

Eu- How many time you were in the house like this?

Sacha-We bought it at 2019, 2018 and we gradually, because we didn't have all the money at one time, we gradually made repair from you know, room to room, and we finished it 2020, probably, yes, yes.

We enjoyed the house two years or three years.

Almost three years we enjoyed that house and that is why it was very, very, very hard for my wife to live.

In February, the wars, the full-scale war, started in February 24th, another time. And again, I was talking with my wife every day she would tell me that during the air attacks. Since we didn't have a shelter in our house, a bunker, but there was a school that my kids go to study they had, was not a bunker, no, it was just a school, and it was not renovated, it was not made for this exactly purpose.

Because our authorities in the country in Ukraine, didn't do any preparations for the war, they thought it would never happen. That's why they didn't spend money for the shelters, for the bomb shelters, for the bunkers. A lot of bunkers, a lot of Soviet Union shelters were sold, like for the barber shop. There was a barber shop initiated in the bomb shelter, there was a catholic cafeteria, a restaurant in the shelter. There was a stomatology, like dentist too. All these facilities were sold out to the businesses.

So the school was also not prepared to receive the people. And every night the Russians bombed, they bombed Kiev and they bombed the airway around here, because we had, like military air fields, where the military planes were like and there was one like 30 kilometres from us. So when they start chilling, we heard it very well the earth was shaking, and my wife and child was very, very scared.

When she called that the the Russian comes i told her get your things packed due to suitcases packed and leave. One more time she wouldn't listen to me. And like every night they would go to this ball shelter in the school. And since it was not equipped.

And there were a lot of people there, some people were sitting on the chairs, some people were just sleeping on the floors. But it was very, very cold, it was February in February is cold in, that snow, yeah, in Kiev are, and it's the coldest monthly year, the name of February is Luti, which is rageous or angry.

And my wife, son and middle daughter was go to that school.

(

After that, all the daughters went to Poland, they got the train station and they went to Poland , and my mother stayed in Kiev, she was in the old style.)

But during this time at school they got sick, because they got cold, because it was very cold in the cellar, in the bunker and they went there several times and they had their nose running.

Eu- How much time do you have in that situation?

Sacha- On the 6th of March, some debris, some remnants of the rocket, fell not far away, from our house, and I said you cannot risk your life, I said to my wife. You cannot risk your life and the life of the children.

The company has provided a big bus to evacuate the their workers and I said to her, so this is God telling you, God give you a sign, so I used that parable. I used that story for her saying, ok, this is God sending you a bote. What are you waiting for?

You're not abandoning this place, you can come back anytime when it's safe, but right now you need to make sure that you are safe and your children are safe, our children are safe, because anytime the rocket, my head or place, or any place in Ukraine like remnants the debris. Rocket hit the at the very day the work of the P80, the House not far away from the school got on fire because the debris of the rocket hit that house.

So she finally agreed and this big bus evacuated them to Bulgaria at 6th of March. So on the 6th of March they locate to Bulgaria, in Bulgaria they lived in the hotel.

And then my friend, my American friend who was, you know, a missionary in Ukraine, he went back to the States and then he came to be a missionary in Croatia. And when he found out that my wife left Ukraine, he said oh you should come to Croatia. You should come to my house and the church in Croatia and the church in America that's sponsored him. They helped a lot, all the Ukrainians, because this guy, he knew a lot of Ukrainians, a lot of people in the news, and he helped a lot of people, at this moment they provided.

Eu- All that time, that your family stay in Kiev and your wife speak to you by phone, where you was? In what city?

Sacha- One in North City

Eu-How much distance?

Sacha- It was like 700 kilometres from Kiev.

Eu- And when your wife call you didn't back to Kiev?

Sacha-I couldn't go because, i couldn't do anything for my wife, everything that I could potentially do is to take them to the border, but I could not cross the border

because men are not allowed to cross the border. And I was working as a translator for journalists in another city.

And now I was able to leave the country only because I got this international licence and this is actually the reason why I got that licence just to be able to cross the border from Ukraine to Europe. But back then, I didn't have that licence.

So I was very, very glad that the company took care of its employers and they evacuated the workers. So I was able to continue working with as a fixer with journalists and my family was safe. And not only they were safe, but God took care of them through the church again, through God's church, he blessed us with.

I was afraid for them, but when they were created.

Outro dia

Eu- Describe for me the day of the scape. What else marked you? What was more mark for you?

Sacha- The day I escaped from Kiev. I did not escape. I can describe you the day my family left here in the March of last year. In March of last year, it was very, very dramatic time. I was with journalists, at that time, I was not with my family and my wife doesn't drive, he doesn't have her car.

She called me in the morning like about 4:00 in the morning, and she told me that the Russians are bombing here, and I said oh he finally made-up, he finally made-up his mind. A man to put him because we were all waiting or expecting. This will attack without attack, you know.

Eu- You were not in Kiev when your wife called you?

Sacha- I was not in Kiev, I was with journalists and I was in Donbas area. Yes, because I was with journalists with the rye journalists, with Italian television, like translator, in another part of the country, when my wife called me. I was the eastern part of the country and of course, I was scared, because i knew that if Russians finally decided to attack and not just attack, but full scale with warplanes, with missiles with everything that it is serious, it's more serious that we were expecting.

Eu- And what you say to your wife?

Sacha- I said that you need to consider, to leave the country, and she started singing the same song, of the other time.

Just like it was in Donetsk, we moved in and after 9 months we had to leave in this situation. We bought a house and we finally.

Being somewhere else, we bought a house. We made this house very cosy, we've made this house something that we dreamt about and it's it was like, done. I mean, we finished, we renovating, finished repair. We made a very pretty terrace, and in a hot day or in hot evening, we can have like tea., at the terrace, and enjoy the evening together. I planted a lot of, flowers i discovered this talent in me, by the way, I discovered that alone, the flowers. It's not my wife who, you know, initiated that, it was me, my wife was not happy with me because i'd spent too much money on flowers. But I said, just wait. Just wait and you'll see. And after I planted those, the garden, and mine everything beautiful, and it started growing and this flower started blossoming. It was really, really, it became very, very beautiful. And she said, Ohh, Sasha, let's buy a table, a plastic table, Like the cafes have plastic tables and took a couple of chairs and let's have tea outside, and we will enjoy the flowers. We will enjoy the smile and enjoy the team. See you didn't want me to spend so much money on this beauty, but now you love all this. That it's it was a good idea and we bought not.

Just to this little chairs or plastic chairs and plastic table. We thought that was a good idea to make a terrace at the at the backyard.

The house was our own place, we didn't rent it, it was our own.

Eu- How many time you were in the house like this?

Sacha-We bought it at 2019, 2018 and we gradually, because we didn't have all the money at one time, we gradually made repair from you know, room to room, and we finished it 2020, probably, yes, yes.

We enjoyed the house two years or three years.

Almost three years we enjoyed that house and that is why it was very, very, very hard for my wife to live.

In February, the wars, the full-scale war, started in February 24th, another time. And again, I was talking with my wife every day she would tell me that during the air attacks. Since we didn't have a shelter in our house, a bunker, but there was a school that my kids go to study they had, was not a bunker, no, it was just a school, and it was not renovated, it was not made for this exactly purpose.

Because our authorities in the country in Ukraine, didn't do any preparations for the war, they thought it would never happen. That's why they didn't spend money for the

shelters, for the bomb shelters, for the bunkers. A lot of bunkers, a lot of Soviet Union shelters were sold, like for the barber shop. There was a barber shop initiated in the bomb shelter, there was a catholic cafeteria, a restaurant in the shelter. There was a stomatology, like dentist too. All these facilities were sold out to the businesses.

So the school was also not prepared to receive the people. And every night the Russians bombed, they bombed Kiev and they bombed the airway around here, because we had, like military air fields, where the military planes were like and there was one like 30 kilometres from us. So when they start chilling, we heard it very well the earth was shaking, and my wife and child was very, very scared.

When she called that the the Russian comes i told her get your things packed due to suitcases packed and leave. One more time she wouldn't listen to me. And like every night they would go to this ball shelter in the school. And since it was not equipped.

And there were a lot of people there, some people were sitting on the chairs, some people were just sleeping on the floors. But it was very, very cold, it was February in February is cold in, that snow, yeah, in Kiev are, and it's the coldest monthly year, the name of February is Luti, which is rageous or angry.

And my wife, son and middle daughter was go to that school.

(

After that, all the daughters went to Poland, they got the train station and they went to Poland , and my mother stayed in Kiev, she was in the old style.)

But during this time at school they got sick, because they got cold, because it was very cold in the cellar, in the bunker and they went there several times and they had their nose running.

Eu- How much time do you have in that situation?

Sacha- On the 6th of March, some debris, some remnants of the rocket, fell not far away, from our house, and I said you cannot risk your life, I said to my wife. You cannot risk your life and the life of the children.

The company has provided a big bus to evacuate the their workers and I said to her, so this is God telling you, God give you a sign, so I used that parable. I used that story for her saying, ok, this is God sending you a bote. What are you waiting for?

You're not abandoning this place, you can come back anytime when it's safe, but right now you need to make sure that you are safe and your children are safe, our children are safe, because anytime the rocket, my head or place, or any place in Ukraine like

remnants the debris. Rocket hit the at the very day the work of the P80, the House not far away from the school got on fire because the debris of the rocket hit that house.

So she finally agreed and this big bus evacuated them to Bulgaria at 6th of March. So on the 6th of March they locate to Bulgaria, in Bulgaria they lived in the hotel.

And then my friend, my American friend who was, you know, a missionary in Ukraine, he went back to the States and then he came to be a missionary in Croatia. And when he found out that my wife left Ukraine, he said oh you should come to Croatia. You should come to my house and the church in Croatia and the church in America that's sponsored him. They helped a lot, all the Ukrainians, because this guy, he knew a lot of Ukrainians, a lot of people in the news, and he helped a lot of people, at this moment they provided.

Eu- All that time, that your family stay in Kiev and your wife speak to you by phone, where you was? In what city?

Sacha- One in North City

Eu-How much distance?

Sacha- It was like 700 kilometres from Kiev.

Eu- And when your wife call you didn't back to Kiev?

Sacha-I couldn't go because, i couldn't do anything for my wife, everything that I could potentially do is to take them to the border, but I could not cross the border because men are not allowed to cross the border. And I was working as a translator for journalists in another city.

And now I was able to leave the country only because I got this international licence and this is actually the reason why I got that licence just to be able to cross the border from Ukraine to Europe. But back then, I didn't have that licence.

So I was very, very glad that the company took care of its employers and they evacuated the workers. So I was able to continue working with as a fixer with journalists and my family was safe. And not only they were safe, but God took care of them through the church again, through God's church, he blessed us with.

I got a old friend in Croatia actually, he got in touch with me and saying how I'm doing. I said ok, i'm doing fine, i'm still alive, i'm not far from frontline nature. I was very, very close to the frontline.

Eu- How much time you working and then your wife is in Croatia?

Sacha- I was with Ray for couple of weeks, for maybe two months.

All together because she.

Was coming and going. She was.

Is the missionary? Yes. Yes, our friend American friend.

They the church rented several flats in Zagreb in around Zagreb for the Ukrainians to leave.

In their France they paid for. They had a special fund.

To pay for utilities to pay for food to pay, you know, enough money to live on.

So it it is a blessing.

I'm working as a fixer in Ukraine.

I worked with Ray and when she went home, I worked with TF1, French TF1, I've worked with Danish TV 2, I worked with this New Zealand forced.

I work with all kinds of journalists during that time, and I missed my wife. I missed my kids. They missed me so much. Yeah, yeah, and my son and my daughter, they kept saying mama, let's go back. Mama will miss dad. Let's go back. And she was also.

Eu-Why you resist so much to go?

Sacha- Because it was not safe enough you know, because we just were able to kick Russians out of Kiev and they retreated, they went back. And they concentrated on in other regions of Ukraine like Cardiff Region, but they left these areas and then I said ok, it's more or less safe. It's not safe enough, of course, because they continued shelling.

The area was the Rockets long range rockets, they continued shelling.

But in June I said ok, I think you may come, you may come back in June of last year so they came back, my wife and son.

Regarding my middle daughter, I sent her to the United States to finish high school. She was in Kiev for the last year, but as teaching started to be online it got really bad. So my American missionary friends took her in legally and in August she went and finish school there. And it stayed there.

At the beginning of winter, the Russians started bombing our power stations, they wanted the Ukrainian government to surrender, but it didn't happen. The Russians wanted us to freeze to death, and some older people froze to death.

People started buying a lot of generators like diesel generators, benzene generators like.

Backup power stations with a lot of capacity batteries and it was, such a great demand, we bought everything, the everything Europe could provide, we bought it all and a lot of European and other organisation would send big generators for the hospitals, for the schools, like business would buy a lot of big generators and by the way, my company transported a lot of those, generators to in different parts of the Ukraine.

Of last year we liberated almost like 95% of our area, but you know, the war never left here because we hear the air rate, we hear we under the air attacks every day several times a day. We continue to hear air war alerts all the time, so customs they don't work. All these supermarkets shut down gas stations shut down, because of that, a lot of businesses went broke because this bridges don't work, the public transportations, doesn't work, you go in the bus and bus stops right there, metro station doesn't work, because all the people from the city out to find security in the metro station during the air attack.

I heard rumours coming from many directions that Russians prepare a new attack from the territory of Belarus to try to take here again, that is why I told my wife you got to leave again. It was very, very hard because there was no power like we had power. We had electricity like for a couple hours a day, maybe 3 hours. This mobile towers also don't have power, you cannot call each other you don't have internet, there's no communications. Nothing works, and it was hard for her to stay online, working online.

So I told her you need to leave somewhere, leave Ukraine and we'll see. We'll see how it goes. Go somewhere.

So we, just before the new year, well I don't remember now before or after new year, one of our sisters in the church, she has a big family, adopted kids like she had like.

Ten kids she were created in the very beginning of the war, and she decided to take to Germany. She lived in Germany, she decided to take her car from the city to Germany and another lady was taking that car and i knew about the situation.

I told my wife about this car and told her, You can pack your suitcases and, you know, have this lady to take you there. And this friend of mine who has a big family lady, they also stayed, in the flat of the church this flat was owned by the church in Germany Baptist Church and she said, they're so very nice they're so receiving, they take care of us, they sold us at least we're safe.

Of course she was not happy with about this, but I insisted again, so she went to Germany and stay there a couple of weeks.

Staying in Germany.

She applied for the Ukraine scheme in English in the United Kingdom, and to my surprise, we found this couple volunteered to be our sponsors and I also applied, and I got this visa, so they included me in this.

So here I am.

To leave the country we have to have this international licence and a specific vehicle, 3 1/2 tonne, and so I didn't have it had to buy this vehicle. I have a Ford Transit but this vehicle had 2.8 tonne, you know cargo capacity it had to be a vehicle 3.5 tonne.

So I got the international licence and i was finally able to sell my Ford and I got Renault 3.5 tonne, and I was able to leave the country.

I think it's better to stay here and not go back to Ukraine because I don't know how this war is, I don't know, because if they stopped the war right now and Russia will attack again after three 5-7 years, and my son have to fight like a soldier and I want safety for my son, i want good life for my son. And I don't know i don't have this information right now and this uncertainty kills me, I don't know what decision to make.

I love my country. I love my people, I don't want to leave my home again. I really don't, but I'm not sure how this war is going. I don't trust the government, i don't trust Zelensky and his my country is overwhelmed with corruption, the corruption is the second biggest enemy, together with Russia's enemies. When you see the Russian, you know it's an enemy, you have to kill him, because if you don't, he will kill you. But when you're fighting with corruption, it's very hard to recognise the enemy. And this one is the hardest enemy of Ukraine.

But I know my son misses his friends in Ukraine he also wants to come to Ukraine. He is not really good in making friends.

It's all about, you know, having fun. He cannot have fun with them. He cannot make jokes with them, he says. They don't understand my jokes and I don't understand their jokes. He cannot make friends with English teenagers is very hard to him. For other side I want a better life for my family. Is very hard my situation,.

Eu- The most difficult of integration?

Sacha -The language, but not for me, not for us, because we have been speaking English for many, many years, but for others this is probably the main difficulty.

So it's these three things.

You don't know the language, you won't be able to get a good job, only if it's low paid job.

They gave us support financial, but they also trying to the integration, integrate you into the society, which is very, very good because it's seeking if you sit there and do nothing. I don't know about the women, But if a man it's doing nothing for all kinds of crazy ideas get in their heads.

Actually in almost all society, mostly the women work like the men, is so important to you and your wife work for mental health too.

All the Ukrainian that are in England, it's a difficult situation because in almost all the Ukrainians who arrived to the United Kingdom, they don't have jobs, that's why in the beginning they received support from government and this support differs in differentiates from the many things you know, if you have a child, if you're alone, and then if you have income from Ukraine or

if you don't have. The government asks all this information and all the after that then they give you so much, so much support but the support all.

And then if you rent that place, council here helped us to rent the place because it's difficult for Ukrainians to rent because the landlord.

Ah, they want stability. They want money, you know. And if a person don't have job, or this person have different jobs every month?

Won't be able to pay the rent. It's a problem for the landlord. That's why landlords they in most of the cases they say no to Ukrainians, So what do you do?

In our case, in our town, in The City Council, they say ok we are going to be a guarantor, of course then the Ukrainian family is gonna pay, so they pay actually two months rent.

They also guarantee that this family of Ukrainians is gonna pay to the landlord every month.

Eu- So you go to United Kingdom because the language and because you know that is easy, there is more easy the integration?

Sacha-Yeah, because of the programme, and also because of the language, because it's much easier for me to get a good paying job and they give you the support, it's very, very minimal but it's enough to.

To pay the rent and utilities. And there is a job centre and they are supposed to help you to find a job. Help you, you know, to find some recruitment company that would help you to find the job and almost every week you have like an interview with a job centre. They're just calling you and asking how are you? What is your process? What is your success in finding jobs? Do you have any problems? What else can we do for you? Stuff like this?

Almost every weekday we have an interview in. I should be brought active in longing for job nobody gonna find this job for me I should do it myself.

Who who are the people who left the biggest impression on you at the most location in?

Well, I would say the people in the church, all the people in the church, they were super nice, super welcoming, super hospitable. They help. They want to help any way, any way they can.

That church families it's best.

They give you clothes.

Food. We've got enough food, but in the beginning, when we just came to the the Church assembly, some people, individuals would.

Give me money.

You know, for the food, you know, call.

This pieces of furniture.

The coal supplies like today, this older man came and he helped.

Us do it.

Install all the shelves because all our club shelves.

This is where you put your cookbook.

Shelf. But once you have your clothing, you put your clothes on the shelf. Yeah, he helped us to install the shelves because all our clothing is.

You know it's laying on.

The floor right now in our bedroom.

We we don't have wardrobes

We went to the department store hardware store where all the domestic instruments and you know timber, it told and we got.

Couple of pieces of timber heap paid for it, even though I was ready to paint it. He insisted to pay for it.

He came with his instruments with his tools.

Because all the tools that I have lived.

There in Ukraine is screwdriver screws.

It's a blessing.

Is older person from the church.

Yeah, his name is Dave.

David. Yeah. His name is David and he's.

Super nice. He helped in a lot of he helps everybody like this morning he took some friends to the Birmingham.

Airports parts in order to do that, like their flight was in the morning. But as you know, probably when you check in into the flight you have like 2 and a.

The Birmingham.

Eu-The question give me a suggestion for a better reception of world refuge?

Sacha-Well, I would say that what United Kingdom is doing is very good scheme for Ukrainians they provide.

Homes they provide this.

Work form permit work permission and one thing.

That they did.

a great job about it. It's.

Told the people about Ukraine and what is going on in Ukraine and that is why people in United Kingdom, they have a very good heart for Ukrainians.

They are willing to help. They are ready to help just because they speak about Ukraine and they people of United Kingdom would know what's going on in.

And I wish it would.

Be the same all over the world, but.